# *José Saramago. A semente e os frutos*

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

*A nossa grande tarefa está em conseguirmo-nos tornar mais humanos*

Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

# Biografia

Autor de mais de 40 títulos, José Saramago nasceu em 1922, na aldeia de Azinhaga. As noites passadas na Biblioteca pública do Palácio das Galveias, em Lisboa, foram fundamentais para a sua formação. "E foi aí, sem ajudas nem conselhos, apenas guiado pela curiosidade e pela vontade de aprender, que o meu gosto pela leitura se desenvolveu e apurou."

Em 1947 publicou o seu primeiro livro que intitulou *A Viúva*, mas que, por razões editoriais viria a sair com o título de *Terra do Pecado*. Seis anos depois, em 1953, terminaria o romance *Claraboia*, publicado apenas depois da sua morte.

No final dos anos 50 tornou-se responsável pela produção na Editorial Estúdios Cor, função que conjugaria com a de tradutor a partir de 1955 e de crítico literário. Regressa à escrita em 1966 com *Os Poemas Possíveis*.

Em 1971 assumiu funções de editorialista no Diário de Lisboa e em abril de 1975 é nomeado diretor-adjunto do *Diário de Notícias*.

No princípio de 1976 instala-se em Lavre para documentar o seu projeto de escrever sobre os camponeses sem terra. Assim nasceu o romance *Levantado do Chão* e o modo de narrar que caracteriza a sua ficção novelesca. Até 2010, ano da sua morte, a 18 de junho, em Lanzarote, José Saramago construiu uma obra incontornável na literatura portuguesa e universal, com títulos que vão de *Memorial do Convento* a *Caim*, passando por *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, *O Evangelho segundo Jesus Cristo, Ensaio sobre a Cegueira, Todos os Nomes* ou *A Viagem do Elefante*, obras traduzidas em todo o mundo. José Saramago recebeu o Prémio Camões em 1995 e o Prémio Nobel de Literatura em 1998.

No ano de 2007 foi criada em Lisboa esta Fundação com o seu nome, que trabalha pela difusão da literatura, pela defesa dos direitos humanos e do meio ambiente, tomando como documento orientador a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Desde 2012 a Fundação José Saramago tem a sua sede na Casa dos Bicos, em Lisboa.

Faleceu na sua casa em Lanzarote a 18 de junho de 2010. As suas cinzas estão em Lisboa, debaixo de uma oliveira em frente à sede da Fundação que tem o seu nome.

# Bibliografia

**Romance**
A Viúva (Terra do Pecado) (1947)
Manual de Pintura e Caligrafia (1977)
Levantado do Chão (1980)
Memorial do Convento (1982)
O Ano da Morte de Ricardo Reis (1984)
A Jangada de Pedra (1986)
História do Cerco de Lisboa (1989)
O Evangelho Segundo Jesus Cristo (1991)
Ensaio sobre a Cegueira (1995)
Todos os Nomes (1997)
A Caverna (2000)
O Homem Duplicado (2002)
Ensaio sobre a Lucidez (2004)
As Intermitências da Morte (2006)
A Viagem do Elefante (2008)
Caim (2009)
Claraboia (Concluído em 1953, publicado postumamente em 2011)
Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas (Romance inacabado, escrito em 2010 e publicado em 2014)

**Poesia**
Os Poemas Possíveis (1966)
Provavelmente Alegria (1970)
O Ano de 1993 (1975)
Poesía Completa (2022)

**Teatro**
A Noite (1979)
Que Farei com Este Livro? (1980)
A Segunda Vida de Francisco de Assis (1987)
In Nomine Dei (1993)
Don Giovanni ou O Dissoluto Absolvido (2005)

**Literatura de viagem**
Viagem a Portugal (1981)

**Conto**
Objecto Quase (1978)
O Conto da Ilha Desconhecida (1998)

**Memórias**
As Pequenas Memórias (2006)

**Crónica**
Deste Mundo e do Outro (1971)
A Bagagem do Viajante (1973)
As Opiniões que o DL teve (1974)
Os Apontamentos (1976)
Poética dos Cinco Sentidos – O Ouvido (1979)
Moby Dick em Lisboa (1996)
Folhas Políticas (1976 – 1998) (1999)
José Saramago nas Suas Palavras (2010)

**Diários**
Cadernos de Lanzarote I (1994)
Cadernos de Lanzarote II (1995)
Cadernos de Lanzarote III (1996)
Cadernos de Lanzarote IV (1998)
Cadernos de Lanzarote V (1998)
O Caderno (2009)
O Caderno 2 (2009)
Último Caderno de Lanzarote (2018)

**Ensaio**
Discursos de Estocolmo (1999)
Comment le personnage fut le maître et l'auteur son apprenti (1999)
Direito e os Sinos (1999)
Aquí soy Zapatista - Saramago en Bellas Artes (2000)
Palabras para un mundo mejor (2004)
Questo mondo non va bene che ne venga un altro (2005)
El nombre y la cosa (2006)
Andrea Mantegna - Uma ética, uma estética (2006)
Democracia e Universidade (2010)
A estátua e a pedra (1999)

**Infantil e juvenil**
A Maior Flor do Mundo (2001)
O Silêncio da Água (2011)
O Lagarto (2016)

**Correspondência**
José Rodrigues Miguéis /José Saramago (2010)
Com o mar por meio - Jorge Amado, José Saramago (2017)

Panorâmica da exposição
© FJS

Na obra literária de José Saramago (Azinhaga, 1922) conjuga-se a literatura mais exigente e pessoal com as interrogações mais fecundas. Autor tardio, mas de formação caldeada no calor de letras escritas e de leituras, soube construir, a partir da década de oitenta, uma literatura renovadora e original, que lhe conferiu, em 1998, o primeiro Prémio Nobel concedido a um escritor de língua portuguesa. Denso e irónico, inteligente e cético, terno e sarcástico, demolidor e pertinaz nas suas críticas, praticou, ao longo da sua produção narrativa, tanto a desmitificação da História convencional como a censura ativa dos desvios contemporâneos, tomando sempre como referência a essência humana da vida, a solidariedade, a compaixão, o respeito pelo outro e a relatividade do ponto de vista. Armado por um autor-narrador forte, que invade o espetro da sua narrativa, defendia que a obra é o romancista, ao mesmo tempo que marcou uma literatura construída a partir de ideias fortes, de audazes metáforas visionárias e ilustradas, de uma deslumbrante fabulação e de uma consciência incómoda que quis e soube ligar o seu destino ao pulsar turbulento do coração do mundo contemporâneo, permanentemente posto a nu e questionado.

Saramago – que nunca ocultou a sua militância comunista – projetou mundialmente o seu trabalho e a sua figura pública, acentuando o seu perfil de intervenção cívica em defesa da liberdade, dos direitos humanos e da inclusão social, imbuído de valores e ideais suscetíveis de construir outra realidade mais justa, mais humana. Esta atitude engagée serviu-lhe para recuperar, com energia e credibilidade, o papel do intelectual inconformista, envolvido nas questões palpitantes e nos debates do seu tempo, trazendo ângulos de

Primeiro escritório de José Saramago
© Ricardo Chaves

visão heterodoxos, refutando a ordem aceite maioritariamente e reclamando uma ética individual e coletiva que contemplasse como prioridade o ser humano, a sua dignidade, acima de qualquer outra hierarquia discriminatória ou qualquer outro interesse de poder ou económico. José Saramago desenvolveu, pois, com intensidade as suas responsabilidades cívicas, com o desejo de colocar o cidadão ao mesmo nível do escritor, tal e como ele mesmo expressaria: «Tenho muito cuidado em não transformar os meus romances em panfletos, apesar de ser marxista e comunista com cartão. Tenho umas ideias e não separo o escritor do cidadão das minhas preocupações. Acho que nós, os escritores, devemos voltar à rua, e ocupar de novo o espaço que antes tínhamos e agora é ocupado pela rádio, pela imprensa ou pela televisão. É preciso, além disso, fomentar o humanismo, o conhecimento de que milhares e milhares de pessoas não podem aproximar-se do desenvolvimento.» (1994)

Polémico, pessimista confesso, brilhante, ativista e incómodo, a perspetiva da sua vida caldeada oferece o balanço de um trabalho literário amplo e pertinaz, em que o cultivo do romance conviveu com o teatro, a poesia, as crónicas jornalísticas e as memórias. A exposição José Saramago. A semente e os frutos dá conta, em síntese, dessa dedicação, mostrando como o príncipe da literatura que foi José Saramago funde as suas raízes no operário das letras que,

com o seu minucioso e metódico trabalho, em momentos difíceis da sua vida – os árduos e obscuros anos quarenta, cinquenta e sessenta em Portugal – sedimentou as bases do brilho futuro. A mostra, que aglutina numerosos manuscritos, documentos, primeiras edições e centenas de traduções em mais de quarenta línguas, propõe um percurso tanto pela produção literária de José Saramago como pelos seus contextos ideológicos e sociais.

A conceção expositiva de José Saramago. A semente e os frutos incorpora recursos audiovisuais postos ao serviço de conteúdos específicos que abrem as portas ao denso e rico mundo saramaguiano. O discurso expositivo oferece a possibilidade de aproximação à génese do escritor através de inúmeras portas de entrada, propocionando a cada visitante a oportunidade de construir o seu próprio percurso, em função dos seus interesses no momento de penetrar num universo literário e intelectual tão amplo e sugestivo como polifacetado.

**Fernando Gómez Aguilera**

Secção dedicada ao Prémio Nobel
© FJS

# A Casa dos Bicos
e a
# Fundação José Saramago

A Fundação José Saramago é uma instituição cultural privada de utilidade pública com sede na Casa dos Bicos, na cidade de Lisboa, contando com uma delegação em Azinhaga, terra natal do escritor José Saramago. Constituída pelo próprio escritor em junho de 2007, tem como objetivos a defesa e difusão da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a promoção da cultura em Portugal e em todo o mundo e a defesa do meio ambiente.

A Casa dos Bicos, sede da instituição desde junho 2012, oferece uma exposição permanente dedicada à vida e obra de José Saramago, intitulada *A semente e os frutos*, e outras atividades culturais como apresentações de livros, representações de peças de teatro, conferências e colóquios.

1.º Andar - Exposição permanente *José Saramago. A semente e os frutos*
2.º Andar - Escritórios da FJS
3.º Andar - Livraria / Loja
4.º Andar - Auditório / Biblioteca

**Horário de funcionamento : 2.ª a sábado, das 10 às 18 horas** (última entrada às 17h30)

**Entradas :** consultar **www.josesaramago.org/onde-estamos**

**Visitas guiadas :** contacte-nos através de **secretaria@josesaramago.org**

Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10
1100-135 Lisboa
Tel.: +351 218 802 040 | E-mail: info.pt@josesaramago.org
www.josesaramago.org

Nas redes sociais:

facebook.com/fjsaramago
flickr.com/fjsaramago
twitter.com/fjsaramago
youtube.com/fjsaramago
instagram.com/fjsaramago
vimeo.com/fjsaramago

© Fundação José Saramago. 2023

# NAS ESCADAS - JOSÉ SARAMAGO

«**Não subiu para as estrelas se à terra pertencia.** E aos leitores!»

***Memorial do Convento,*** Porto Editora, 2014, pp. 400

**«Está escrito que onde haja um sol terá de haver uma lua, e que só a presença conjunta e harmoniosa de um e do outro tornará habitável, pelo amor, a terra.»**

***Discursos de Estocolmo*** *"De como a personagem foi mestre e o autor seu aprendiz", Fundação José Saramago, 2012, pp. 13*

**«Olharei a tua sombra se não quiseres que te olhe a ti»**

***O Evangelho segundo Jesus Cristo,*** *Editorial Caminho / Leya, 2010, pp. 431*

**«Eu não invento nada. Limito-me a pôr à vista. Levanto as pedras e mostro o que está por baixo. Nós somos o outro do outro.»**

**«Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos.»**

***Ensaio sobre a Cegueira,*** *Porto Editora, 2014, pp. 291*

**«Humildade orgulhosa, e obstinada, esta de querer saber para que irão servir os livros que andamos a escrever.»**

**«Com a mesma veemência e a mesma força com que reivindicarmos os nossos direitos, reivindiquemos o dever dos nossos deveres.»**

**«Além da conversa das mulheres, são os sonhos que seguram o mundo na sua órbita.»**

***Memorial do Convento,*** Porto Editora, 2014, pp. 125

**«Teve bons mestres nas longas horas nocturnas que passou em bibliotecas públicas, lendo ao acaso, com o mesmo assombro criador do navegante que vai inventando cada lugar que descobre.»**

«90 Anos: **Quem podia lá faltar, neste dia levantado e principal.»**

***Levantado do Chão,*** *Porto Editora, 2014, pp. 390*

Fundação José Saramago

PISO 1

## JOSÉ SARAMAGO. A Semente e os Frutos

*Se o homem não for capaz de organizar a economia mundial de forma a satisfazer as necessidades de uma humanidade que está a morrer de fome e de tudo, que humanidade é esta? Nós, que enchemos a boca com a palavra humanidade, acho que ainda não chegamos a isso, não somos seres humanos. Talvez cheguemos um dia a sê-lo, mas não somos, falta-nos mesmo muito. Temos aí o espetáculo do mundo e é uma coisa arrepiante. Vivemos ao lado de tudo o que é negativo como se não tivesse qualquer importância, a banalização do horror, a banalização da violência, da morte, sobretudo se for a morte dos outros, claro. Tanto nos faz que esteja a morrer gente em Sarajevo, e também não devemos falar desta cidade, porque o mundo é um imenso Sarajevo. E enquanto a consciência das pessoas não despertar isto continuará igual. Porque muito do que se faz, faz-se para nos manter a todos na abulia, na carência de vontade, para diminuir a nossa capacidade de intervenção cívica.*

Canarias7, Las Palmas, 20 de fevereiro de 1994
[Entrevista de Esperanza Pamplona]

Na obra literária de José Saramago (Azinhaga, 1922) conjuga-se a literatura mais exigente e pessoal com as interrogações mais fecundas. Autor tardio, mas de formação caldeada no calor de letras escritas e de leituras, soube construir, a partir da década de oitenta, uma literatura renovadora e original, que lhe conferiu, em 1998, o primeiro Prémio Nobel concedido a um escritor de língua portuguesa. Denso e irónico, inteligente e cético, terno e sarcástico, demolidor e pertinaz nas suas críticas, praticou, ao longo da sua produção narrativa, tanto a desmitifcação da História convencional como a censura ativa dos desvios contemporâneos, tomando sempre como referência a essência humana da vida, a solidariedade, a compaixão, o respeito pelo outro e a relatividade do ponto de vista. Armado por um autor-narrador forte, que invade o espectro da sua narrativa, defendia que a obra é o romancista, ao mesmo tempo que marcou uma literatura construída a partir de ideias fortes, de audazes metáforas visionárias e ilustradas, de uma deslumbrante fabulação e de uma consciência incómoda que quis e soube ligar o seu destino ao pulsar turbulento do coração do mundo contemporâneo, permanentemente posto a nu e questionado.

Saramago – que nunca ocultou a sua militância comunista – projetou mundialmente o seu trabalho e a sua fgura pública, acentuando o seu perfl de intervenção cívica em defesa da liberdade, dos direitos humanos e da inclusão social, imbuído de valores e ideais suscetíveis de construir outra realidade mais justa, mais humana. Esta atitude engagée serviu-lhe para recuperar, com energia e credibilidade, o papel do intelectual inconformista, envolvido nas questões palpitantes e nos debates do seu tempo, trazendo ângulos de visão heterodoxos, refutando a ordem aceite maioritariamente e reclamando uma ética individual e coletiva que contemplasse como prioridade o ser humano, a sua dignidade, acima de qualquer outra hierarquia discriminatória ou qualquer outro interesse de poder ou económico. José Saramago desenvolveu, pois, com intensidade as suas responsabilidades cívicas, com o desejo de colocar o cidadão ao mesmo nível do escritor, tal e como ele mesmo expressaria: «Tenho muito cuidado em não transformar os meus romances em panfetos, apesar de ser marxista e comunista com cartão. Tenho umas ideias e não separo o escritor do cidadão das minhas preocupações. Acho que nós, os escritores, devemos voltar à rua, e ocupar de novo o espaço que antes tínhamos e agora é ocupado pela rádio, pela imprensa ou pela televisão. É preciso, além disso, fomentar o humanismo, o conhecimento de que milhares e milhares de pessoas não podem aproximar-se do desenvolvimento.»

La Provincia, Las Palmas, 3 de março de 1994
[Entrevista de Javier Duran]

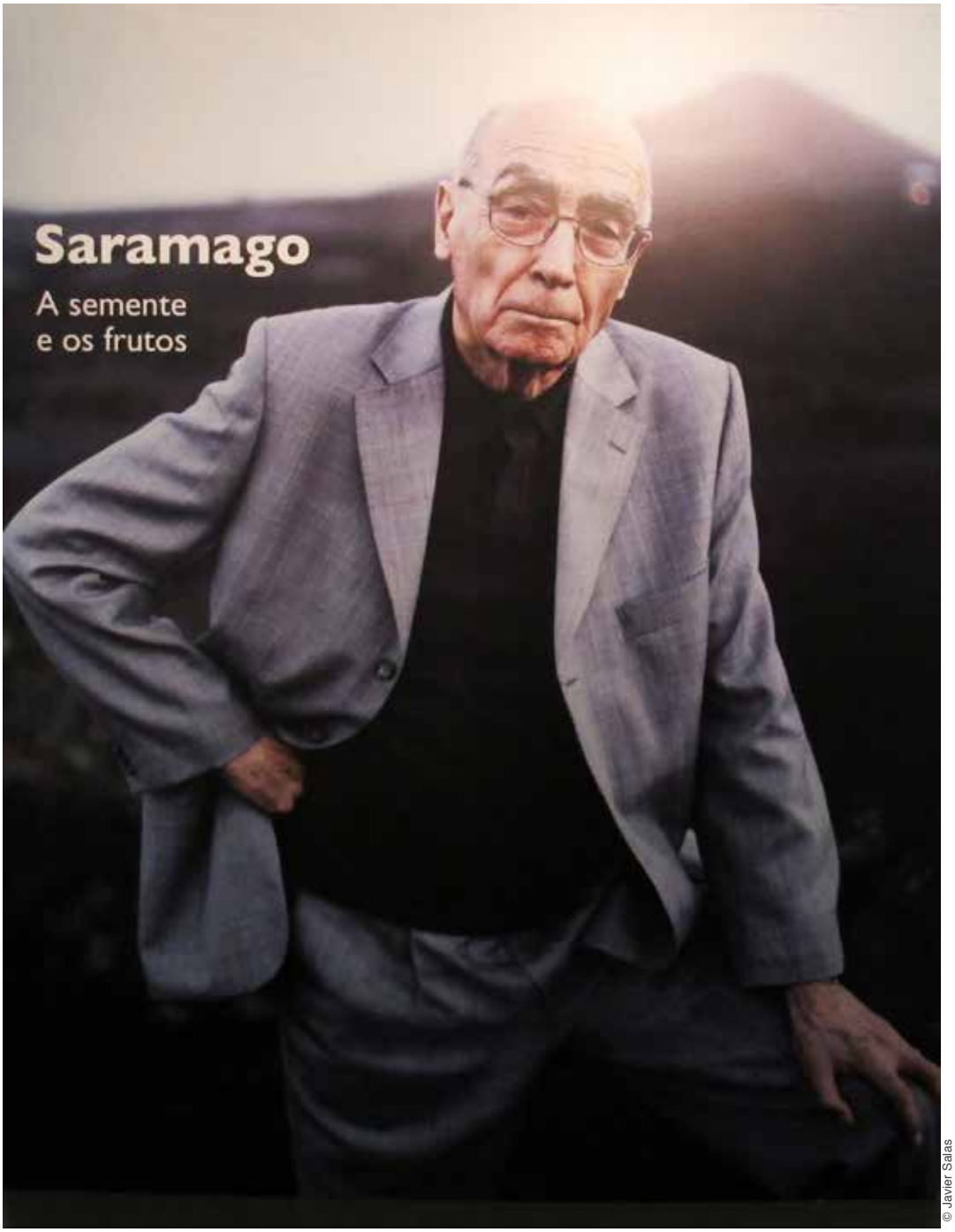
Polémico, pessimista confesso, brilhante, ativista e incómodo, a perspetiva da sua vida caldeada oferece o balanço de um trabalho literário amplo e pertinaz, em que o cultivo do romance conviveu com o teatro, a poesia, as crónicas jornalísticas e as memórias. A exposição José Saramago. A semente e os frutos dá conta, em síntese, dessa dedicação, mostrando como o príncipe da literatura que foi José Saramago funde as suas raízes no operário das letras que, com o seu minucioso e metódico trabalho, em momentos difíceis da sua vida – os árduos e obscuros anos quarenta, cinquenta e sessenta em Portugal – sedimentou as bases do brilho futuro. A mostra, que aglutina numerosos manuscritos, documentos, primeiras edições e centenas de traduções em mais de quarenta línguas, propõe um percurso tanto pela produção literária de José Saramago como pelos seus contextos ideológicos e sociais.

A conceção expositiva de José Saramago. A semente e os frutos incorpora recursos audiovisuais postos ao serviço de conteúdos específcos que abrem as portas ao denso e rico mundo saramaguiano. O discurso expositivo oferece a possibilidade de aproximação à génese do escritor através de inúmeras portas de entrada, propocionando a cada visitante a oportunidade de construir o seu próprio percurso, em função dos seus interesses no momento de penetrar num universo literário e intelectual tão amplo e sugestivo como polifacetado.

*A nossa grande tarefa está em conseguirmo-nos tornar mais humanos. Marx e Engels, num livro intitulado A Sagrada Família, têm uma frase que é essencial pôr em prática: «Se o homem é formado pelas circunstâncias, então é preciso formar as circunstâncias humanamente.»*

José Saramago, 1999

Fernando Gómez Aguilera




© Javier Salas

# *A Semente e os Frutos*

Exposição permanente

# Deixa-te levar pela criança que foste

*Let yourself be led by the child you were*

Responsabilidade, esforço, trabalho: o menino que José Saramago era já indiciava as linhas que iam definir a sua vida. Inteligente e introvertido, José Saramago aplicou-se aos seus deveres com atenção e esmero des- de pequeno, como se pode ver nos seus cadernos de notas. De algum modo, poderia dizer-se que, na observação do campo com os avós, na escola pública em Lisboa ou na biblioteca onde ia diariamente, estava a colocar as primeiras sementes que mais tarde frutificariam e seriam a sua vida. Desde este primeiro caderno de notas em que começava a tentear as primeiras letras até aos livros que nos rodeiam, e que são apenas uma parte das suas traduções, a vida de José Saramago é um exemplo acabado do valor do esforço"Escrever é como fazer uma cadeira, tem de assentar firme no chão e, se possível, deve ser bela". Uniu, porque assim o quis, o seu labor intelectual e literário ao trabalho de um artesão, um operário ou um camponês que com orgulho vê crescer a sua colheita, consciente de que na vida, como cidadãos, todos devemos ser julgados por igual e a obra criativa, a sensibilidade e o esforço serão avaliados pelos outros. Talvez por essa forma lúcida e ativa de estar no seu tempo José Saramago seja uma referência mundial, um escritor tão lido e um ser humano tão respeitado e querido que continua a crescer a cada dia. São os frutos daquelas sementes.

foto / **José Saramago**

Aprox. 10 anos de idade

## Cartão de estudante de José Saramago, da Escola Industrial Afonso Domingues, para o ano letivo de 1939-1940

## Cartão de estudante de José Saramago, da Escola Industrial Afonso Domingues, para o ano letivo de 1936-1937

## Caderno escolar de José Saramago

1933

O caderno contém notas académicas sobre o aluno José Saramago, tomadas diariamente pelo seu mestre, o Sr. Vairinho — do qual fala em *As Pequenas Memórias* —, e pelo seu pai.

## *A Toutinegra do Moinho*, de Émile de Richebourg, foi o primeiro livro que José Saramago leu na sua vida e que sua mãe guardava, bem embrulhado, no aparador da cozinha

## Antoni TÀPIES e José SARAMAGO

Obra conjunta intitulada *Por la irreversibilidad*, 2004

Sem título (Serigrafia/papel artesanal II/XV)
52,5 x 44,5 cm c/u
Coleção Pilar del Río

A proposta desta colaboração partiu de Elkarri, um movimento social nascido em 1992 para defender e mobilizar o modelo de solução pacífica e dialogado para o conflito basco. A edição limitada das duas serigrafias (obra de Tàpies e texto de Saramago) tinha como objetivo a obtenção de fundos para promover projetos que fomentassem o diálogo e a paz de Elkarri. Para a difusão massiva e popular da mensagem de tornar irreversível em Euskadi um tempo de paz, diálogo e soluções, foi editado um cartaz com as duas obras.

# Formação

Formatos years

**No período formativo de José Saramago a atividade de tradutor foi elemento fundamental. Traduziu de Francês autores oitocentistas das quais se aprimorou uma maneira**

## *«Abertar de domínios»*

Contos descompostos com corrupções manuscritas
Publicado no Diário de Lisboa em
Lisboa, 1949, 1950 e 1951
P.B.

## *«P.B. 2000»*

Contos descompostos com corrupções manuscritas
A. 1949-1950
P.B.

## *«P.B. 2000»*

Contos publicados na revista Seara Nova
Novembro 1948-1949, p.p.
Um B.J. de manuscrito de 1950

## Nota

— **José Saramago, 7 de Junho de 1951**

Título — **José Saramago com a sua amiga Carlota Ismael na Praia dos Pescadores**

Entrevista, c. 1950

Instituto Alegre — **72 páginas dactilografadas de manuscrito e notas dactilografadas de crónicas**
*A Mãe e a Filha*
c. 1950, 1950

## *A Mãe e a Filha na Praia*

(Primeira versão)
Contos descompostos, 1949
1950

Primeiro romance publicado por José Saramago. Decomposto originalmente como *A Viúva*, a Editorial Minerva mudou o título para *A Mãe e a Filha na Praia*. Apesar de ter sido escrito antes de *Terra do Pecado*, não se conhecem, até hoje, exemplares — quando é tudo de bom um livro é que nunca se tenha de tomar de habitação.

No entanto, com de uma quinta, cuja vontade se dá através dos meios produtivos do proprietário, a «Viúva, Maria Lucinda» — José Saramago, que não se conhecem, até hoje, exemplares — quando é tudo de bom um livro é que nunca se tenha de tomar de habitação. Um dos exemplares mais raros, que não se conhecem, até hoje, exemplares — quando é tudo de bom um livro é que nunca se tenha de tomar de habitação.

## *A Viúva Maria da Fonte*

(Primeira versão)
Contos descompostos, 1949
1950

Romance inédito publicado em 1950, José Saramago Maria Lucinda, a Viúva, Maria da Fonte, Maria Lucinda, a Viúva, Maria da Fonte, Maria Lucinda, a Viúva, Maria da Fonte,

# Autobiografia

Autobiography

## Texto datilografado de uma nota autobiográfica escrita por José Saramago a 14 de setembro de 1967

2 pp.

Nasci no seio de uma família de camponeses sem terra, a Azinhaga, uma pequena aldeia do Ribatejo situada na margem direi- ta do rio Almonda, a uns cem quilómetros a nordeste de Lisboa. Os meus pais chamavam-se José de Sousa e Maria da Piedade. O meu nome teria sido José de Sousa se o funcionário do Registo Civil, por iniciativa própria, não tivesse acrescentado a alcunha pela qual o meu pai era conhecido na aldeia: Saramago (o saramago é uma planta herbácea espontânea cujas folhas, naqueles tempos, em épocas de carência, serviam para alimentar a cozinha dos pobres). Só aos sete anos, quando tive de apresentar na escola o meu documento de identificação, é que soube que o meu nome completo era José de Sousa Saramago... Mas esse não foi o único problema de identidade com que me deparei ao nascer. Embora tivesse vindo ao mundo no dia 16 de Novembro de 1922, os meus documentos oficiais dizem que nasci dois dias mais tarde, a 18. Graças a esta pequena fraude, a minha família conseguiu escapar ao pagamento de uma multa por não ter declarado o meu nascimento dentro do prazo legal. Talvez por ter participado na I Guerra Mundial, na França, como soldado de artilharia, e ter conhecido outros ambientes diferentes da aldeia, o meu pai decidiu, em 1924, abandonar o trabalho do campo e mudar-se com a família para Lisboa, onde se empregou como agente da Polícia de Segurança Pública, pois as únicas «habilitações literárias» (expressão comum, na época...) que se exigiam para a poder exercer era que se soubesse ler, escrever e contar.

Era bom aluno na escola primária: na segunda classe já escrevia sem dar erros de ortografia e fiz a terceira e a quarta classes no mesmo ano. Depois, segui para o liceu, onde lá passei dois anos, tendo obtido excelentes notas no primeiro ano e não tão boas no segundo, embora sempre tivesse contado com a estima dos meus colegas e professores, de tal maneira que me elegeram (aos doze anos...) tesoureiro da associação de estudantes... Entretanto, os meus pais tinham chegado à conclusão de que, por falta de meios, não podiam continuar a pagar os meus estudos no liceu. A única alternativa que me restava era matricular-me numa escola de ensino profissional. E foi isso que aconteceu: durante cinco anos aprendi o ofício de serralheiro mecânico. O mais surpreendente de tudo era que o plano de estudos da escola, naquele tempo, embora estivesse orientado para formar profis- sionais técnicos, incluía, também, além do francês, uma disciplina de literatura. Como não havia livros em minha casa (livros meus, comprados por mim, embora com dinheiro emprestado por um amigo, tive-os, mas só aos 19 anos), foram os livros escolares de língua portuguesa de carácter «antológico» que me abriram as portas do prazer literário: ainda hoje em dia sou capaz de recitar poemas que aprendi naquela época longinqua. Depois de acabar o curso, trabalhei durante cerca de dois anos como serralheiro mecânico numa oficina de reparação de automóveis. Nessa altura já tinha começado a frequentar, em horário nocturno, uma biblioteca pública de Lisboa. E foi assim, sem ajudas nem conse- lhos, apenas guiado pela curiosidade e pela vontade de aprender, que cresceu e se refinou em mim o gosto pela leitura.

Quando me casei, em 1944, já tinha mudado de profissão. Trabalhava num organismo da Segurança Social como funcionário administrativo. A minha mulher, Ilda Reis, que na altura era dactilógrafa nos Caminhos de Ferro, acabaria por se tornar, muitos anos mais tarde, numa das mais importantes gravadoras portuguesas. Faleceu em 1998. Em 1947, ano em que nasceu a minha única filha, Violante, publiquei o meu primeiro livro, um romance a que chamei *A Viúva* mas que, por conveniências editoriais, acabaria por ser publicado com o nome de *Terra do Pecado*. Escrevi outro romance, *Clarabóia*, ainda hoje inédito, e comecei outro que não foi além das primeiras páginas: intitulava-se O Mel e o Fel ou, talvez, Luís, filho de Tadeu... A questão acabou por ser resol- vida quando abandonei o projecto: comecei a sentir claramente que não tinha nada para dizer que valesse a pena. Durante dezanove anos, até 1966, altura em que publiquei *Os Poemas Possíveis*, estive ausente da cena literária portuguesa, na qual pouca gente terá dado pela minha falta.

Fui despedido em 1949 por motivos políticos mas, graças à bondade de um amigo meu que, na altura, era professor na escola técnica, consegui arranjar trabalho numa empresa metalúrgica administrada por ele. No fim dos anos 50 comecei a trabalhar numa editora, a Estúdios Cor, como responsável de edição, regressando assim, e não como autor, ao mundo das letras que abandonara anos atrás. Essa nova actividade permitiu-me conhecer e travar amizade com alguns dos escritores portugueses mais importantes da época. Para equilibrar o orçamento familiar e, também, porque gostava, comecei, a partir de 1955, a dedicar uma parte do meu tempo livre a fazer trabalhos de tradução, actividade que prolongaria até 1981: Colette, Pär Lagerkvist, Jean Cassou, Maupassant, André Bonnard, Tolstoi, Baudelaire, Étienne Balibar, Nikos Poulantzas, Henri Focillon, Jacques Roumain, Hegel, Raymond Bayer, foram alguns dos autores que traduzi. Outra ocupação paralela, entre Maio de 1967 e Novembro de 1968, foi a de crítico literário. Entretanto, em 1966 publiquei *Os Poemas Possíveis*, um livro de poesia que marcou o meu regresso à literatura. A essa entrega seguiu-se, em 1970, outro título de poemas, *Provavelmente Alegria*, e, pouco depois, em 1971 e 1973, respectivamente, sob os títulos *Deste Mundo e do Outro* e *A Bagagem do Viajante*, duas compilações de crónicas publicadas na imprensa que a crítica considera essenciais para a cabal compreensão do meu trabalho posterior. Divorciei-me em 1970, dando início a uma relação de convivência, que duraria até 1986, com a escritora Isabel da Nóbrega.

Abandonei a editora em finais de 1971. Trabalhei durante dois anos seguidos no vespertino Diário de Lisboa como coordenador de um suplemento cultural e como editorialista. Publicados em 1974 sob o título *As Opiniões que o DL Teve*, esses textos representam uma «leitura» bastante precisa dos últimos tempos da ditadura que viria a ser derrubada em Abril desse ano. Precisamente em Abril de 1975 passei a exercer funções de director-adjunto do matutino Diário de Notícias, cargo que desempenhei até Novembro desse mesmo ano, quando fui despedido devido à reviravolta provocada pelo golpe político-militar do dia 25 desse mês, que refreou o processo revolucionário. Dois livros marcam essa época: *O Ano de 1993*, um longo poema publicado em 1975 que alguns críticos consideram anunciar já a série de obras de ficção que, dois anos mais tarde, se iniciou com o romance *Manual de Pintura e Caligrafia*, e, sob o título *Os Apontamentos*, uma colectânea de artigos de teoria política que publiquei no jornal do qual fui director.

Uma vez mais desempregado e, tendo em conta as circunstâncias da situação política da altura, sem a mínima chance de encontrar trabalho, tomei a decisão de me dedicar por inteiro à literatura: já era hora de saber o que é que eu valia realmente como escritor. Em começos de 1976 instalei-me durante algumas semanas no Lavre, uma aldeia rural da região do Alentejo. Foi esse período de estudo, de observação e de registo de informações que deu origem, em 1980, ao romance *Levantado do Chão*, obra com a qual nasce o modo de narrar que caracteriza a minha ficção novelesca. Entretanto, em 1978, publiquei uma colecção de contos intitulada *Objecto Quase*; em 1979, a obra de teatro *A Noite*; e depois, poucos meses antes da publicação de *Levantado do Chão*, uma nova obra de teatro intitulada *Que Farei com este Livro?* À excepção de outra obra teatral chamada *A Segunda Vida de Francisco de Assis*, publicada em 1987, dediquei a década de 80 integralmente à escrita de romances: *Memorial do Convento* (1982), *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), *A Jangada de Pedra* (1986), *História do Cerco de Lisboa* (1989). Em 1986 conheci a jornalista espanhola Pilar del Río. Casámo-nos em 1988.

Por causa da censura exercida pelo Governo português sobre o romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), que vetou a possibilidade de a incluir na lista de candidatos ao Prémio Literário Europeu sob o pretexto de que esse livro era ofensivo para os católicos, em 1993 a minha mulher e eu decidimos ir viver para a nossa residência na ilha de Lanzarote, nas Canárias. No início desse ano publiquei a obra *In Nomine Dei*, escrita em Lisboa, da qual seria extraído o libreto da ópera Divara, com música do compositor italiano Azio Corghi, estreada em Münster (Alemanha) em 1993. Esta não foi a minha primeira colaboração com Corghi, pois ele já tinha composto a música da ópera Blimunda, baseada no *Memorial do Convento*, estreada em Milão (Italia) em 1990. Em 1993 comecei a escrever um diário, *Cadernos de Lanzarote*, do qual já estão publicados cinco volumes. Em 1995 foi-me concedido o Prémio Camões e, em 1998, o Prémio Nobel da Literatura.

**José Saramago, 1998**

De Les Prix Nobel. The Nobel Prizes 1998. Editor Tore Frängsmyr [Nobel Foundation], Estocolmo, 1999.
Esta autobiografia, redigida aquando da recepção do prémio, foi publicada posteriormente na colecção Les Prix Nobel/Nobel Lectures. Nalguns pontos, a informação foi actualizada de acordo com acrescentos do próprio laureado.
Direitos de autor © The Nobel Foundation 1998

Posteriormente à atribuição do Prémio Nobel de Literatura, José Saramago publicou os seguintes romances: *A Caverna* (2000), *O Homem Duplicado* (2003), *Ensaio sobre a Lucidez* (2004), *As Intermitências da Morte* (2005), *A Viagem do Elefante* (2008), *Caim* (2009) e *Claraboia* (póstumo, 2011). Para além destas obras, deu à estampa, em 1999, um volume de artigos e ensaios políticos coligidos sob o título de *Folhas Políticas*, 1976-1998. Em 2001 publicou o conto *A Maior Flor do Mundo*; e em 2005 a peça de teatro *Don Giovanni ou O Dissoluto Absolvido*. Um ano depois, em 2006, apareceram *As Pequenas Memórias*, e em 2009 e 2010, respetivamente, *O Caderno* e *Caderno 2*. Ao longo dos dez últimos anos da sua vida, foi investido Doutor Honoris Causa por uma vintena de universidades, enquanto a sua voz livre e crítica, comprometida com a realidade, se consolidava como uma das grandes referências intelectuais da nossa época. Morreu em Lanzarote a 18 de junho de 2010.As suas cinzas repousam em Lisboa, sob uma oliveira plantada frente à Casa dos Bicos, sede da sua Fundação, constituída em agosto de 2007.

# Manual de Pintura e Caligrafia 1976

Manual of Painting and Calligraphy, 1976

### «José Saramago: poder, enfim escrever claramente», o diário, Lisboa 17 de fevereiro de 1979

1 p.

Entrevista a José Saramago para o diário, na secção «Escritores respondem a o diário».

### Recorte de jornal com a entrevista «José Saramago: Andamos à procura de uma outra forma de ser escritor», publicado no Diário Popular a 6 de abril de 1978

1 p.

### Original do artigo «Sena», incluído no livro *Folhas Políticas 1976-1998* e publicado no Diário de Lisboa

12 de junho de 1978

## *Manual de Pintura e Caligrafia*

[Primeira edição]
Moraes editores, Lisboa, 1976
352 pp.

José Saramago atribuiu a esta obra, na sua primeira edição, o subtítulo de «ensaio de romance ». O autor referiu-se nestes termos ao Manual de Pintura e Caligrafia: «É a história de um pintor (não há que estranhar, sempre me interessei muito pela pintura), é a história de um pintor, mas não de um pintor genial, é a história de um pintor medíocre, um pintor que, ainda por cima, tem a consciência da sua mediocridade (o que é verdadeiramente extraordinário), um pintor que não está contente com aquilo que faz e começa por tentar pintar melhor, por tentar ser melhor pintor, mas evidentemente essas coisas não resultam da simples vontade e ele reconhece que não pode ir além daquilo que é o seu campo possível de trabalho. Então decide começar a escrever sobre a pintura que faz. […] É um romance onde a figura da mulher aparece como elemento de transformação. É o conhecimento dessa mulher que o leva a descobrir que os caminhos pelos quais ele tentava conhecer-se a si mesmo não eram aqueles que poderiam levá-lo a ter uma ideia clara a seu próprio respeito. Era indispensável que no percurso para chegar a si mesmo tivesse de passar pelo "outro", o "outro" que é essa mulher. Só assim o caminho terá um sentido. O livro acaba precisamente na noite da Revolução de 25 de abril de 1974. Não sei qual foi o futuro desses dois, o pintor e a mulher a quem ele ama e que o ama a ele, não sei se ainda são felizes ou se qualquer coisa lhes aconteceu que interrompeu aquela união.» Segundo José Saramago, trata-se de um romance de aprendizagem narrativa, de uma reflexão meta-literária sobre a narrativa como modo de representação. Publica-a depois de tomar a decisão de se dedicar à literatura e considera-a a sua obra mais autobiográfica. Neste livro, que é um «ensaio, também reflexão, também aventura, também experimentação», nas palavras do autor, pretende-se a abolição dos géneros literários como tais; é já um sintoma do interesse de José Saramago pela criação de uma literatura inovadora.

### Texto datilografado original com anotações autógrafas do romance *Manual of Painting and Calligraphy*

1976
203 pp.

foto / **Vergílio Ferreira (à esquerda, na fotografia) cumprimenta Alice Gomes, escritora de livros para crianças, perto de José Saramago, Lisboa, anos 70**

© Valverde

## *Objecto quase*

[Primeira edição]
Lisboa, Moraes editores, 1978
144 pp.

Livro de contos. Coleção de seis contos de JoséSaramago nos quais o autor descreve situações surrealistas e incríveis com uma grande naturalidade. Em «Cadeira», o caruncho destrói a cadeira de Salazar ao mesmo tempo que cai a ditadura. Em «Embargo» conta como um homem é ocupado pelo seu carro enquanto a gasolina vai acabando e a morte ronda ambos. Em «Refluxo», um imenso e único cemitério vai absorvendo todos os outros, até à morte do monarca. José Saramago imagina uma cidade submetida a uma ditadura absoluta em «Coisas», no qual a dissidência se concretiza na rebelião dos objetos. Um ser fantástico, meio homem, meio cavalo, esconde-se nas sombras de «Centauro». «Desforra» é uma breve parábola na qual um rapaz que observa a castração de um porco atravessa um rio a nado, observado por uma rã, sabendo que, na outra margem, o espera uma rapariga nua.

foto / **José Saramago com o primeiro-ministro general Vasco Gonçalves**

Lisbon, 1975

### Material preparatório para o livro *Objecto quase*

1976

Caderno de trabalho manuscrito para a redação dos contos de objecto quase.

foto / **José Saramago ao pé do escritor José Gomes Ferreira (à direita) e o editor Rogério de Moura (à esquerda), Lisboa, anos 70**

© João Maia

### Dois textos datilografados originais com anotações manuscritas do conto *«Cadeira»* incluído no livro objecto quase.

1977
37 pp.

### Artigo de jornal original «Carta para Josefa, minha avó»

Publicado em A Capital, Lisboa,
a 14 de março de 1968, e incluído
em Deste Mundo e do Outro

foto / **Josefa Caixinha, avó de José Saramago**

Azinhaga, 1969
© Lucas

foto / **Jerónimo Melrinho, avô materno de José Saramago**

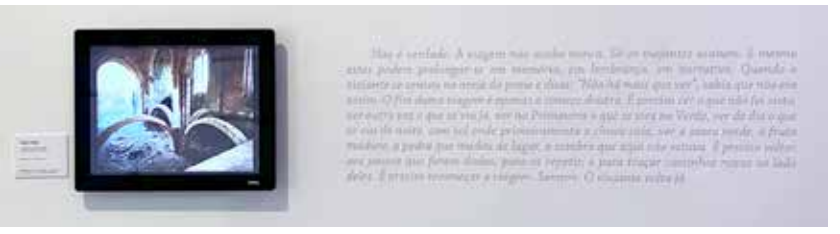
Azinhaga, 1940's

### Artigo de jornal original «O meu avô, também»

Publicado em A Capital, Lisboa,
a 19 de dezembro de 1968, e incluído
em Deste Mundo e do Outro
(included in *Deste Mundo e do Outro*)

# Viagem a Portugal 1981

Journey to Portugal, 1981



moldura digital / **Fotografias e textos de José Saramago para o livro *Viagem a Portugal***

*Não é verdade. A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o viajante se sentou na areia da praia e disse: "Não há mais que ver", sabia que não era assim. O fim duma viagem é apenas o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre. O viajante volta já.*

## *Viagem a Portugal*

[exposição] / Porto Editora, 2021
767 pp.

[1ª edição] / Círculo de Leitores, Lisbon, 1981

Trata-se de um livro no qual o autor reproduz múltiplas impressões dos seus olhos atentos de viajante, na tentativa de compreender a realidade de Portugal e de decifrar, ao mesmo tempo, o seu passado.

## Caderno preto de trabalho de José Saramago para o livro *Viagem a Portugal*

1979-1980

Apontamentos manuscritos para a redação de Viagem a Portugal.

## Agenda pessoal de José Saramago de 1976

## Agenda pessoal de José Saramago de 1977

## Agenda pessoal de José Saramago de 1978

## Agenda pessoal de José Saramago de 1979

# Levantado do Chão
# 1980

Raised from the Ground, 1980

video / **Imagens da RTP da cerimónia de atribuição do Prémio Cidade de Lisboa a José Saramago pelo seu romance *Levantado do Chão***

Arquivo RTP, 1981

foto / **Na apresentação de Levantado do Chão, com Mariana Basuga, que recebeu José Saramago quando este se foi documentar para escrever o livro**

Casa do Alentejo, Lisbon, 1980

foto / **José Saramago em Évora, segunda metade da década de 70**

**«Um livro "Levantado do Chão"»**

Diário de Lisboa, 8 de março de 1980

Entrevista de Ernesto Sampaio a José Saramago acerca da publicação do seu romance *Levantado do Chão*.

## Transcrições de entrevistas que José Saramago fez a caponeses do Lavre

1977

Texto datilografado com anotações manuscritas. Material preparatório para o romance Levantado do Chão: a 28 de março de 1977 entrevista, em Montemor-o-Novo, Silvestre António Catarro, 66 anos, natural de São Geraldo; Manuel Joaquim Pereira, 64 anos, natural de Montemor; João Machado (16 pp.). A 5 de abril de 1977, entrevista, no Lavre, João Basuga (13 pp.). A 12 de abril de 1977, entrevista Mariana Amália Basuga, Elvira Basuga e João Basuga, camponeses do Lavre (3 pp.). A 21 de abril de 1977, entrevista, no Lavre - Quintas, João Basuga, que lhe mostra a localidade de Quintas, onde nascera. Leva-o a ver as casas em ruínas, descreve-lhe como era aquele lugar antes da apropriação das terras por parte do latifundista Veiga e o método do qual se valera para ficar com elas (12 pp.).

## *Levantado do Chão*

[Primeira edição]
Lisboa, Editorial Caminho, 1980
368 pp.

Romance publicado em 1980 no qual, com uma explícita intencionalidade político-social, se narra a história das gentes do Alentejo de 1910 a 1979, incluindo a Revolução dos Cravos. Através dos membros da família Mau-Tempo, retrata os conflitos no campo alentejano, a luta secular dos seus habitantes contra a exploração.

Para se documentar, José Saramago mudou-se para o Lavre, em Montemor-o-Novo, onde residiu de 18 março a 2 de maio de 1977, convivendo com os trabalhadores da Unidade Coletiva de Produção Boa Esperança. Levantado do Chão é considerado o seu primeiro grande romance. O autor reconhece que experimentou uma técnica narrativa completamente diferente da que praticara até então, com a qual aprendeu, «finalmente, a escrever e, também, a amar profundamente as palavras», conforme declarou no discurso de receção do Prémio Cidade de Lisboa 1980. Levantado do Chão lança-o a nível internacional e inaugura o seu característico estilo barroco, baseado na oralidade e na forte presença do autor-narrador.

A sua peculiar expressão literária é influenciada pela maneira de falar dos camponeses que entrevistou durante a sua estada no Alentejo, numa obra na qual se fundem a reflexão, a ironia, os testemunhos... O próprio escritor explica a origem da sua voz literária: «Então, comecei a escrever como toda a gente faz, com um guião, com diálogos, com a pontuação convencional, seguindo a norma dos escritores. Por volta da página vinte e quatro ou vinte e cinco — e talvez esta seja uma das coisas mais bonitas que me aconteceram desde que escrevo — sem pensar, quase sem me aperceber, começo a escrever assim: interligando, interconectando o discurso direto e o discurso indireto, saltando por cima de todas as regras sintáticas ou sobre muitas delas. Quando cheguei ao fim não me restou outro remédio a não ser voltar ao princípio para pôr as vinte e quatro primeiras páginas de acordo com as outras. […] A passagem de uma forma narrativa para a outra foi como se estivesse a devolver àqueles camponeses o que eles me tinham dado a mim, como se me tivesse convertido num deles, numa parte desse mundo de mulheres, homens, idosos, idosas, com quem tinha estado, ouvindo-os, observando as suas experiências, etc. Converti-me num deles para lhes contar o que eles me tinham contado a mim. O que é claríssimo é que, quando falamos (porque agora se trata de falar e não de escrever), não usamos pontuação, falamos como se faz música, com sons e pausas.»

Para José Saramago, Levantado do Chão implica uma questão que «tinha a ver com a minha própria vida, com o lugar onde nasci; não nasci no Alentejo, mas, mutatis muntadis, a história é a mesma. Por isso, era como se tivesse que defender aquela gente entre a qual se encontravam os meus avós, os meus pais e os meus tios, todas essas pessoas analfabetas e ignorantes, e tivesse que escrever um livro».

## Agenda pessoal de José Saramago de 1980, iniciada no mês de fevereiro

No dia 1, escreve que recebeu os primeiros exemplares de Levantado do Chão e que, nesse mesmo dia, entrega o manuscrito de Que Farei com Este Livro? à Editorial Caminho. Nesta mesma agenda, e em diferentes meses, José Saramago toma nota das suas viagens a vários lugares de Portugal, percorrendo as terras do seu país para escrever Viagem a Portugal.

moldura digiral / **Documentos digitalizados correspondentes ao material preparatório manuscrito e ao texto datilografado do romance *Levantado do Chão***

1979

foto / **José Saramago com a mãe e o presidente da República Francisco da Costa Gomes na apresentação de *Levantado do Chão***

1980

## Agenda com material preparatório para *Levantado do Chão*

1979

Agenda com anotações manuscritas [palavras, lugares…] e um recorte de jornal no seu interior sobre uma denúncia no Tribunal Cívico relacionada com a Reforma Agrária.

## Texto datilografado original com correções manuscritas de *Levantado do Chão*

1979
351 pp.

# Memorial do Convento 1982

Baltasar and Blimunda, 1982

vídeo | **Memorial del convento**

3' 38"

Produção: Ángel Hernández Marín. News Produções, S.L. Contéudos e seqüência: Fernando Gómez Aguilera. Source: Fundação José Saramago

**Manuscrito no qual José Saramago descreve «A Passarola» - La máquina de volar inventada por Bartolomeu Lourenço de Gusmão**

c. 1982

2 pp.

Material preparatório para o Memorial do Convento.

**Desenho de José Saramago de «A Passarola» - La máquina de volar inventada por Bartolomeu Lourenço de Gusmão**

c. 1982

Material preparatório para o Memorial do Convento.

foto | **José Saramago**

Ouro Preto, Brasil, 1980's

© Ilhi Paula

**Agenda pessoal de José Saramago de 1982**

*Memorial do Convento*

[Primeira edição]:

Editorial Caminho-Círculo de Leitores, Lisbon, 1982

317 pp.

Livro que recebeu o Prémio Pen Club portugués em 1982. O tema central deste romance é, segundo José Saramago, a «aventura enfrentada e milhares de pessoas massacradas, forçadas, ao serviço de um projeto que nada significa para elas». Esse projeto é a construção de um convento em Mafra, mandado edificar pelo rei D. João V, em 1717, para cumprir um voto. Casado com Maria Ana de Austria, o monarca, incapaz, durante três anos, de engravidar a esposa, promete

erigir um convento nessa vila «se Deus lhes desse filhos». A promessa é feita a começo de 1711 e a «lenta engravida (pouco tempo depois, dando à luz uma menina, Maria Bárbara, que mais tarde viria a ser rainha de Espanha. Os trabalhos de construção do edifício prolongam-se durante treze anos e mobilizam mais de cinquenta mil operários, custando uma fortuna.

O *Memorial do Convento* conta, entrecruzada realidade e imaginação, as grandezas e as miserias da construção, os dramas quotidianos dos operários, as perpétuas dívidas do trabalho de mármore desde Pero Pinheiro até Mafra (que mobilizou mais de duzentas juntas de bois), as mortes. José Saramago consegue, assim, a sua aspiração de que seja narrada a história daqueles que não têm história, dando voz aos miseráveis e aos anjadores. O romance relata, também, uma segunda história, a da relação de Baltasar (um dos operários que trabalha em Mafra) e Blimunda (que tem a faculdade de ver o interior das pessoas e das coisas), e a dedes com o padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, empenhado no projeto de construir uma máquina «voadora», «A Passarola». No parco de fundo, movem-se figuras oníricas, inquisitoriais, o Santo Ofício, as fogueiras, as perseguições, as doenças, os homens que ousam pensar livremente, paidos... Nesta obra, o escritor tenta demonstrar que não existe nenhuma diferença entre o imaginário e o vivido. O vivido poderia ter sido imaginado, e vice-versa.

A propósito do Memorial do Convento, José Saramago diz que não se trata de um romance histórico, «é um romance sobre um dado tempo do passado, mas visto da perspectiva do tempo em que o autor se encontra, e com tudo aquilo que tem que ver com o autor, a sua própria formação, a sua própria interpretação do mundo, o modo como vê o processo de transformação das sociedades. Tudo isto é visto à luz do tempo em que ele está, e não com a preocupação de furtar aquilo que descreve aqueles com os olhos ou os ouvidos do passado. Vê o tempo de

ontem com os olhos de hoje».

montura digital | **Páginas digitalizadas do dois cadernos de trabalho de José Saramago para a redação de *Memorial do Convento***

1981

**Caderno preto com notas manuscritas de José Saramago sobre o romance *Memorial do Convento***

1982

**Desenho de Rogério Ribeiro**

2005

foto | **José Saramago com Azio Corghi, autor da música da ópera *Blimunda***

Malha, 1991

foto | **José Saramago na apresentação do *Memorial do Convento* em Pequim, 1997**

**Primeiras provas de romance *Memorial do Convento* com anotações manuscritas**

c. 1982

**Carta dirigida a José Saramago**

Porto, 14 de fevereiro de 1981

1 p.

Resposta a um pedido de informação de José Saramago sobre os acontecimentos ocorridos em 1731 «entre os pedreiros de Mafra», que o remetente desconhece. Material preparatório para o Memorial do Convento.

**Fotocópias da edição francesa de Bélices de l'Espagne et du Portugal, dédiédé a Juan Alvarez de Colmenar, 1707, com anotações manuscritas**

Material preparatório para o Memorial do Convento.

**Carta emitida pela Direção das Bibliotecas Centrais e Culturais da Câmara Municipal de Lisboa em nome de José Saramago relativa à 163 fotocópias, a 15 de janeiro de 1982**

1 p.

Material preparatório para o Memorial do Convento.

**Cinco fichas de leitura da Biblioteca Nacional em nome de José Saramago**

1982

Material preparatório para o Memorial do Convento.

**Documentação fotocopiada com anotações manuscritas relativas ao dia 19 de junho de 1740 procedentes do livro de Luís Montez Mathias, Ano histórico e litoláticos, vol. I, Edição da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1934**

Material preparatório para o Memorial do Convento.

**Cartão de leitor de José Saramago da Biblioteca Nacional de Lisboa**

15 de janeiro de 1982

Na década de 80 e começos dos anos 90, José Saramago dá grande importância ao processo de documentação histórica, minucioso e exaustivo, para a redação dos seus romances — especialmente do Memorial do Convento, de O Evangelho segundo Jesus Cristo ou da História do Cerco de Lisboa. Consulta textos da época na Biblioteca Nacional e no Palácio Nacional Ajuda, mas não se utiliza como historiador, visto que, para o autor, o processo de documentação não se deve notar na escrita do romance.

*Memorial do Convento*

[ Edição Especial ]

Lisboa, Editorial Caminho, 2002

446 pp.

Edição especial do Memorial do Convento, comemorativa do «aparecimento da sua primeira edição, em outubro de 1982, ilustrada com pinturas de José Santa-Bárbara.

**Fotocópia de capítulo «Lisboa em 1725», do livro Sumário da História Moderna, vol. III, de J. Ribeiro Guimarães, Lisboa, 1872, com anotações manuscritas**

Material preparatório para o Memorial do Convento.

**Separata sobre «A Precisão do Corpo de Deus na 1 ª metade do Século XVIII. Reconstituição Minuteiral Barcista», de Diamantino Tejar, Palácio Municipal Galveias, outubro de 1840**

Material preparatório para o Memorial do Convento.

**Fotocópia das ilustrações que aparecem na página 35 do livro *A Cidade Popular em Portugal nos Séculos XVIII e XIX*, de Alberto de Souza, Lisboa, 1974**

1 p.

Material preparatório para o Memorial do Convento.

**Anotações autógrafas para a redação do *Memorial do Convento***

c. 1981

2 pp.

**Armando Passos**

*Baltasar e Blimunda na Passarola*

(a parte do livro Memorial do Convento)

75 x 100 cm

Coleção Privada: Pilar del Río

**Seleção de livros em várias idiomas sobre a obra de José Saramago**

**José Saramago com personalidades do mundo da cultura e da política**

O mundo de relações de José Saramago com os seus colegas escritores é muito vasto, favorecido não apenas pelo reconhecimento universal da obra do autor portugués, mas também pela intensa atividade que desenvolveu como conferencista e pelo alcance internacional da sua figura, convertida numa referência mundial do pensamento crítico. Na coleção de fotografias que aqui é exibida, poderemos vê-lo na companhia de variadíssimos escritores e personalidades do panorama literário internacional.

- Fernando Gómez Aguilera, José Saramago / Eduardo Lourenço / Harold Bloom
- Elena Poniatowska / George Steiner / Susan Sontag
- Maria Vargas Llosa / Gabriel García Márquez / João Gaspar, Jorge Amado, Salman Rushdie, Nélida Piñon, Terrento Ballester, Fernando Sánchez-Guisande
- Manuel Vázquez Montalbán / Orlando Rodríguez / Carlos Fuentes, José Saramago / Rafael Alberti / Antonio Gamoneda / Sergio Ramírez
- Santiago Velasco, Jorge Amado / Darío Fo / Ernesto Sábato / Óscar Antonio Molina, Carmen Martín Gaite, Terrento Ballester, Enrique Vila-Matas / Alessandro M. Gia Ghizzo, Nadine Gordimer
- Tahar Ben Jelloun / Amos Oz / Mario Benedetti

**José Saramago com personalidades da cultura portuguesa**

- Paulo José Miranda / Teresa Rita Lopes / Irene Lima, Alex Coleridge / Maria Alzira Seixo / Maria Velho da Costa, Maria Isabel Barreno
- Conceição M. Tavares / Carlos Reis / Carlos de Carmo e Luís Pastor / Urbano Tavares Rodrigues / José Carlos de Vasconcelos e Jorge Amado
- Maria Vargas Llosa / Gabriel García Márquez / João Gaspar, Jorge Amado, Salman Rushdie, Nélida Piñon, Terrento Ballester, Fernando Sánchez-Guisande
- Adriana Lisboa / Eduardo Lourenço / Maria de Medeiros / Armando Baptista Bastos / José Gomes Ferreira
- José Luís Peixoto / Gilda Jorge / Maria João Pires / Maria Guerra, Manuel Aragão / David de Almeida
- João Tordo / Mário Jolcer, Eduardo Lourenço, José Cardoso Pires, Teresina Cunha / Fernando Lopes-Graça / Jaimeny ethereal Manuel Quando, Fernando Pinto do Amaral, Helder Moreira, Jorge Castro, Valentim Mendonça, Eduardo Prado Coelho / Maria Velho da Costa, Maria de Medeiros Fernandes, Clara Pinto Correia / João Pinto, Manuel Gusmão
- Valter Hugo Mãe / Jaimeny ethereal Maria João Seixo, Maria Sousa, José Cardoso Pires, Vasco Graça Moura, Almeida Faria, Angelina Ferreira, Maria de Carvalho, José Carmo / Jaimeny ethereal Bruno Lamas, Giuseppe Tavani, José Cardoso Pires, José Manuel Ferreira / Agostinho Bessa-Luís, Angel Crespo, Olga Gonçalves, Almeida Faria, Eduardo Nasi, Maria Quintas Graça, Pedro del Castro / Sergio Nazar, Lennon Santos
- Francisco José Viegas / Jaimeny ethereal Théo Mesquita, José Cardoso Pires, António Lobo Antunes, Ruy Cinde Martins / Eduardo Prado Coelho / Eduardo Prado Coelho, Pierre Leyder Cuenca, José Cardoso Pires / João José Cabral Teixeira Lopes
- Paula Coelho / Homero Soraia, Aline Vieira / Vítor Moreira, José Manuel Mendes / Matilde Rosa Araújo / Bartolomeu dos Santos

# Voz e Consciência Universais

Universal voice and conscience

foto / **José Saramago numa manifestação da Associação Portuguesa de Escritores nos dias que se seguiram à Revolução dos Cravos, Lisboa, 1974**

foto / **José Saramago na manifestação de apoio ao Partido Comunista Português durante a campanha eleitoral posterior à Revolução do 25 de abril, 1974**

foto / **Número especial da revista Seara Nova, após a Revolução dos Cravos N.º 1543, maio de 1974**

20 pp.

foto / **José Saramago na primeira comemoração do 1.º de maio pelo Partido Comunista Português, depois da Revolução dos Cravos, Azinhaga, 1974**

© Lucas

foto / **José Saramago e Jorge Sampaio num ato da campanha eleitoral «Por Lisboa» para as eleições municipais, Lisboa, 1989**

© Ana Baião

foto / **Em Cidadelhe, no Norte de Portugal**

c. 1981

foto / **José Saramago durante os preparativos da Festa do Avante!, órgão central do Partido Comunista Português depois da Revolução de 25 de abril, Lisboa**

c. 1974-1975

## Compromisso

À sua dedicação à literatura, Saramago soube e quis associar uma notável dimensão pública internacional, como intelectual crítico e como cidadão comprometido com a sua época, sem confundir militância com literatura ao serviço de uma ideologia, segundo as palavras do próprio autor: «No meu ofício de escritor penso não me ter afastado nunca da minha consciência de cidadão. Defendo que onde vai um, deve ir o outro. Não me lembro de ter escrito uma só palavra que contrariasse as minhas convicções políticas, mas isso não significa que alguma vez tenha colocado a literatura ao serviço da minha ideologia. Significa, sim, que quando escrevo estou a exprimir a totalidade da pessoa que sou.» Nesse sentido, insistiu em assinalar que: «Depois de deixar este mundo, o escritor será julgado de acordo com o que fez. Enquanto estiver vivo, reclamemos o direito a julgá-lo também por aquilo que é.»

Começou, desde os anos cinquenta, a forjar os seus ideais comunistas e a vincular-se à oposição do salazarismo e, depois, à ditadura de Caetano no seu país, Portugal. Desde 1969 até à sua morte, militou no Partido Comunista Português. Nos anos 90, chegou a apoiar listas eleitorais de esquerda, com a sua candidatura moral. No entanto, a sua militância não deixou de funcionar como consciência crítica, tanto no interior do partido como em relação à esquerda em geral: «Os partidos ditos socialistas deixaram de ser de esquerda. É necessário assumir essa realidade. Não vale a pena manter a ilusão de pensar que os partidos socialistas ainda são de esquerda. Já não são de esquerda, são do centro […] Para mim, é claro que a esquerda não se vai refazer com os partidos socialistas de hoje. A esquerda tem de refazer-se de outra maneira, porque os partidos comunistas, os que se mantêm como tais, sofrem, em muitos casos, de uma excessiva presença do passado. Estão condicionados por hábitos mentais, conceitos de vida e interpretações de textos do passado.»

José Saramago foi sensível a numerosas causas da esquerda e da paz, desde as reivindicações dos zapatistas, cujo território visitou em duas ocasiões, ao regime cubano de Fidel Castro (uma relação antiga de simpatia, não isenta de recriminações muito divulgadas pelo escritor, nos últimos anos), passando pela sua visita a Timor, ao apoio às reivindicações dos camponeses sem terra, do Brasil. E preencheram as suas reflexões e declarações públicas questões como os apelos à paz no conflito terrorista do País Basco, a defesa das lutas pela igualdade dos sexos e contra a chamada violência de género, a oposição à guerra do Iraque, ou numerosas causas concretas em prol da justiça, a igualdade e o respeito pelos direitos humanos, uma questão central no seu pensamento social, sobre os quais se pronunciou frequentes vezes: «[...] o cumprimento dos direitos humanos é incompatível com o que se passa no mundo. Pois bem, se os reivindicarem, vão ter de se opor ao que se está a passar».

O seu discurso público e as suas preocupações, que tiveram ampla divulgação nos meios de comunicação social de todo o mundo, especialmente desde que foi galardoado com o Prémio Nobel, abordaram e enfrentaram polémicas clássicas que constituem os eixos de força das suas convicções: a conceptualização e reivindicação do iberismo (trans-iberismo, com vocação para o sul, entre a África e a América Latina); as críticas à Igreja e a Deus («Como será possível acreditar num Deus criador do Universo, se o mesmo Deus criou a espécie humana? Por outras palavras, a existência do homem é exatamente aquilo que demonstra a inexistência de Deus»); o seu distanciamento europeísta («Sou um europeu cético, que aprendeu todo o seu ceticismo com uma professora chamada Europa»); a censura à globalização mundial neoliberal («Continuo a afirmar que a globalização económica, embora não pareça, é a nova forma do totalitarismo, e o poder económico, o verdadeiro poder, não é democrático […]. O mundo necessita de entender as relações humanas de maneira diferente, e isso é aquilo a que chamo a insurreição ética»); ou, finalmente, a crítica acerba, nos últimos dez anos, à falta de qualidade das nossas democracias: «É uma pura falácia, uma falsidade, nada do que se passa atualmente no mundo, nos países ditos democráticos, tem a ver com a democracia autêntica. Tornou-se evidente que o verdadeiro poder é o poder económico.»

Estas e outras afirmações, a que se poderiam acrescentar outras reflexões, abarcando questões tão diversas como a identidade latino-americana, os nacionalismos intransigentes, a xenofobia, a crueldade humana, a fome no mundo ou a corrupção do poder, constituem a base do reiterado pessimismo existencial saramaguiano. Um pessimismo só na aparência, porque José Saramago nunca se sentiu derrotado pelas deficiências, pelos «erros» da realidade, sobre os quais pensou e, até hoje, continua a pensar e a resistir ativamente, apostando no humanismo e militando pela solidariedade e pela denúncia, convencido, como afirmou, de que «se a ética não governar a razão, a razão desprezará a ética…»

### «Del Invisible Marcos en la selva... al corazón de Chiapas con Saramago»

2000

### «Soy un grito de dolor e indignación»

*Semanal*
7 de janeiro de 2001

Entrevista a José Saramago feita pela sua mulher, Pilar del Río, jornalista e tradutora da sua obra para o espanhol.

### «Chiapas, nome de dor e de esperança»

Publicado em *Le Monde diplomatique*
(com fotografias de Sebastião Salgado), março de 1999
6 pp.

foto / **José Saramago e Aminetou Haidar**

Aminetou Haidar, ativista dos Direitos Hu- manos, manteve-se em greve de fome du- rante trinta dias, em Dezembro de 2009, no aeroporto de Lanzarote, em protesto por haver sido expulsa pelo governo de Marrocos, que não aceitou o seu passa- porte da República do Sahara Ocidental. José Saramago, já muito doente, aproximou-se dela para a confor- tar e demonstrar o seu apoio à causa da independência do povo saharaui.

Dezembro, 2009

foto / **José Saramago num ato organizado pela Associação 25 de abril para comemorar o décimo aniversário da Revolução dos Cravos presidido pela primeira-ministra Maria de Lourdes Pintassilgo, Lisboa, 1984**

foto / **José Saramago na praça de El Zócalo, onde terminou a marcha zapatista de Chiapas rumo à capital, México D. F., março de 2001**

foto / **José Saramago com o primeiro-ministro António Guterres na República Democrática de Timor Oriental, em meados dos anos 90**

foto / **José Saramago, Oskar La Fontaine e Ignaki Bilondo, no Ciclo Literatura y Compromiso Social**

Madrid, 20 de julho de 2000

### «José Saramago. El iberismo y América Latina»

Isla Abierta, Santo Domingo, 18 de outubro de 1998
2 pp.

Artigo de José Saramago publicado no diário Isla Abierta, da República Dominicana, no qual aborda o conceito de iberismo e a sua relação com a América Latina.

foto / **José Saramago, Fidel Castro e Pilar del Río Havana, 1999**

### «De los pueblos ibéricos»

Publicado no jornal *El País*
2 de janeiro de 1992
1 p.

# Nobel da Literatura 1998

Nobel in Literature, 1998

video / **Cerimónia de entrega dos Prémios Nobel 1998**

7 de Dezembro de 1998
© Nobel Foundation
Pós-produção: Fundação César Manrique

video / **Jantar de gala dos Prémios Nobel 1998**

10 de Dezembro de 1998
© Nobel Foundation
Pós-produção: Fundação César Manrique

video / **Discurso de José Saramago na cerimónia de entrega do Prémio Nobel**

7 de Dezembro de 1998
RTP

Neste discurso, José Saramago falou sobre os Direitos Humanos e denunciou a falta de compromisso para alcançar o seu cumprimento efetivo.

**Medalha original entregue pela Academia Sueca a José Saramago aquando daconcessão do Prémio Nobel de iteratura, 1998**

foto / **José Saramago com a rainha Sílvia da Suécia no jantar de gala dos Prémios Nobel 1998**

Estocolmo, Suécia, 1998

foto / **José Saramago no discurso de aceitação do Prémio Nobel, Estocolmo, 1998**

foto / **Cerimónia de entrega dos Prémios Nobel 1998 da Academia Sueca**

# O Ano da Morte de Ricardo Reis 1984

The Year of the Death of Ricardo Reis, 1984

foto / **José Saramago com o presidente da República Jorge Sampaio**

Lisboa, 1998

foto / **José Saramago com o presidente da República Mário Soares**

foto / **José Saramago com o presidente da República Ramalho Eanes na apresentação do livro *A Jangada de Pedra***

Lisboa, 1986

**«Lisboa de longe, Lisboa de perto»a**

Publicado no ABC, Madrid, 4 de março de 1998
2 pp.

## *A Jangada de Pedra*

[Primeira edição]
Editorial Caminho, Lisboa, 1986
332 pp.

A Jangada de Pedra é um romance metafórico no qual a Península Ibérica se separa da Europa e flutua no mar até ficar encalhada entre a América do Sul e a África, convertendo-se numa ilha. A história é narrada por um grupo de personagens: Pedro Orce, o único que sente a terra a tremer; Joaquim Sassa, que revela forças sobrenaturais; Joana Carda, que desenhou na terra uma linha indelével e José Anaiço, que era seguido a todo o lado por um bando de pássaros.
Segundo José Saramago, o livro tem a ver com as eternas questões Norte-Sul (relacionadas com as questões da supremacia racial, do domínio económico, do imperialismo), colonizadorescolonizados, exploradores-explorados.
O romance toca diversos temas muito caros ao pensamento de José Saramago, como a reflexão crítica sobre a Europa e a sua conhecida teoria do trans-iberismo, que estabelece a diferenciação dos países da Península Ibérica dada a sua relação histórica com a América Latina e a África.
Neste romance, José Saramago exprime o seu desejo de que a Europa se vire para o Sul e se converta numa entidade moral que acrescente ao que já é uma dimensão ética que até agora nunca teve. Uma mudança que a configure como um elemento transformador dos valores e de reconhecimento dos direitos dos povos que foram, de uma maneira ou de outra, explorados. A Jangada de Pedra, diz José Saramago, é, mais uma vez, uma utopia, e não um romance histórico.

moldura digital / **Páginas digitalizadas do caderno de apontamentos de José Saramago relativas ao romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis***

c. 1984

**Texto datilografado original do romance *A Jangada de Pedra* com anotações manuscritas do autor**

1986
326 pp.

**Caderno preto de apontamentos de José Saramago relativos ao romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis***

c. 1982

**Agenda pessoal de José Saramago de 1986, iniciada a 11 de junho, na qual escreve que conhece Pilar del Río**

A folha seca que nela se conserva foi guardada pelo próprio escritor.

## *O Ano da Morte de Ricardo Reis*

[Primeira edição]
Editorial Caminho, Lisboa, 1984
416 pp.

Nos finais de 1935, no navio Highland Brigade, regressa a Lisboa, após muitos anos de residência no Brasil, o médico e poeta Ricardo Reis, heterónimo de Fernando Pessoa, que morre precisamente nessa altura. O amor por duas mulheres — Lídia, criada do Hotel Bragança, no qual se encontra alojado Ricardo Reis, e Marcenda, uma jovem imobilizada do braço esquerdo que vai periodicamente a Lisboa para ir ao médico e que costuma alojar-se nesse mesmo hotel —, a política e a reflexão existencial confundem-se neste romance.
José Saramago reconhece que a origem do livro é um poema de Ricardo Reis — que o autor descobre em 1940, desconhecendo tratar-se de um heterónimo de Pessoa, num exemplar da revista Athena, onde se reproduzem várias odes do mesmo cuja leitura o marcará —, no qual se pode ler «sábio o é que se contenta com o espetáculo do mundo». O romance decorre, sobretudo, durante 1936 — Guerra Civil espanhola, ocupação militar da Renânia pelas tropas nazis, Frente Popular na França, guerra contra a Etiópia, criação das milícias fascistas em Portugal… — e contrapõe a desordem do mundo à visão beatífica de Ricardo Reis. José Saramago interroga o poeta: será sábio quem se contenta com este espetáculo do «teu» mundo contemporâneo?
O Ano da Morte de Ricardo Reis é um livro sobre Lisboa, a Lisboa que o escritor conheceu na adolescência. A propósito das suas impressões sobre a cidade quando apenas contava 14 anos, em 1936, diz o autor: «admirava-me quão triste era aquela cidade e, não querendo abusar das comparações, talvez os leitores de hoje sejam capazes de encontrar algumas outras manifestações de tristeza e de solidão. Se este livro tivesse de ter um título, poderia ser "Contributo para o diagnóstico da doença portuguesa". Tudo isto acontece entre dois pontos, "entre duas estátuas, a de Camões e a do Adamastor, que fica […] no Alto de Santa Catarina, o lugar onde, de acordo com um velho ditado lisboeta, quem já não navega fica a ver chegar e zarpar navios. Desde lá se pode contemplar qualquer tentativa de saída para o mar.»

**Texto datilografado com correções manuscritas do romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis***

1984

# História do Cerco de Lisboa 1989

The History of the Siege of Lisbon, 1989

video / **Entrevista a José Saramago sobre o romance *História do Cerco de Lisboa***

1989
RTP - Rádio Televisão Portuguesa

## «O Íntimo e o Real: Simulações e Iluminações»

1986
1 p.

Texto datilografado com anotações e assinatura autógrafa do escritor intitulado «O Íntimo e o Real: Simulações e Iluminações».

foto / **José Saramago**

Frankfurt, 1980's
© Isolde Ohlbaum

## Caderno de apontamentos manuscritos, material preparatório para a *História do Cerco de Lisboa*

c. 1989

## Agenda pessoal de José Saramago de 1989

## Material preparatório para a *História do Cerco de Lisboa*

c. 1989

## *História do Cerco de Lisboa*

[Primeira edição]
Editorial Caminho, Lisboa, 1989
352 pp.

Neste romance, a ação decorre em dois planos temporais, o século XII e o século XX, e narra a história de Raimundo Silva, um revisor de livros que está a rever a obra de um historiador também ela intitulada História do Cerco de Lisboa.
Incomodado com a evidente falsidade de alguns dos alegados factos históricos que lhe passam pelos olhos, comete a ousadia de introduzir um «não» numa frase que afirmava que os cruzados tinham ajudado o rei de Portugal a conquistar Lisboa aos mouros, alterando o sentido de uma «verdade histórica». Raimundo vive uma história de amor com a sua chefe, Maria Sara, que o incumbe de escrever a sua própria versão do cerco de Lisboa. Ambas as histórias decorrem em paralelo, em dois espaços temporais diferentes que se sobrepõem, dando forma à metáfora dos círculos concêntricos de José Saramago.
Segundo José Saramago, «Com este livro que aparentemente é o mais histórico de todos», a sua intenção é mostrar que «a verdade histórica não existe» e que, por conseguinte, podem ser questionadas.
Nas suas próprias palavras, «a História não é uma ciência, é ficção, e, como tal, há uma tentativa de reconstruir a realidade através de um processo de seleção de materiais. Os historiadores apresentam uma realidade cronológica linear, lógica, mas o que é certo é que se trata de uma montagem baseada num ponto de vista. A História escreve-se sob um prisma masculino. Se fosse feita por mulheres, seria diferente. Enfim, há uma História dos que têm voz e outra, não contada, daqueles que não têm». Por outro lado, noutras ocasiões o escritor afirmou que entende a ficção como uma correção da História, e a História como fantasia.

## Primeiro estudo sobre a obra de José Saramago

Maria Alzira Seixo
Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1987

## «Neste livro nada é verdade e nada é mentira»

Lisboa, Jornal de Letras, 1984
2 pp.

Entrevista a José Saramago na altura da publicação de O Ano da Morte de Ricardo Reis.

## «O autor está triste quando escreve sobre a tristeza de há 50 anos»

Lisboa, Diário Popular, 7 de dezembro de 1984
2 pp.

Entrevista a José Saramago na altura da publicação de O Ano da Morte de Ricardo Reis.

# O Evangelho segundo Jesus Cristo 1991

The Gospel According to Jesus Christ, 1991

video / **El Evangelio según Jesucristo**

8' 3"

Produção: Ángel Hernández Marín, News Produções, S.L.
Conteúdos e sequência: Fernando Gómez Aguilera
Documentação: Fundação José Saramago

video / **Entrevista de Bárbara Guimarães a José Saramago no programa «Páginas Soltas»**

Lisboa, Novembro, 2006
© SIC Notícias

foto / **José Saramago**

Lisboa, 1980's

## Texto datilografado com a calendarização do romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo*

c. 1991
5 pp.

## Materiais preparatórios para o romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo*

c. 1991
47 pp.

Fichas datilografadas intituladas «Sobre Judas ou Galileu», «Viagem a Jerusalém», «Filho da Terra», «Religiosidade» e «Quem é Jesus?».

## Mapas da Palestina

Materiais preparatórios para o romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo.*

## Carta de José Saramago a Artur Anselmo

11 de Maio de 1992
1 p.

Carta a Artur Anselmo, presidente do Instituto Potuguês do Livro e da Leitura de Lisboa, escrita a 11 de maio de 1992, relativa à polémica provocada pela exclusão do livro *O Evangelho segundo Jesus Cristo,* de José Saramago, da lista de candidatos ao Prémio Literário Europeu.

## Agenda pessoal de José Saramago de 1991

## *O Evangelho segundo Jesus Cristo*

[Primeira edição]
Editorial Caminho, Lisboa, 1991
448 pp.

Neste romance, José Saramago narra as etapas da vida de Jesus a partir de uma perspetiva humana, e descreve um Deus ambicioso que quer todo o poder e precisa de uma vítima para o alcançar. O Evangelho segundo Jesus Cristo provocou uma enorme polémica nacional que chegou à Comissão Europeia. Em 1992, o romance foi pré-seleccionado para concorrer ao Prémio Literário Europeu, mas o subsecretário da Cultura português, Souza Lara, vetou a obra que, assim, foi impedida de aspirar ao galardão. Este facto foi crucial na decisão de José Saramago de abandonar o seu país. Como conta o próprio autor, este livro «é o responsável por estar a viver em Lanzarote », onde se instalou em fevereiro de 1993. A versão oferecida por José Saramago da vida de Jesus, com irmãos, apaixonado por Maria e usado por Deus para reforçar o seu poder no mundo, provocou a ira da Igreja, que o acusou de ser um blasfemo.
José Saramago conta da seguinte maneira como surgiu o título do romance: "A Pilar e eu estávamos em Sevilha, à hora do almoço, e, ao atravessarmos a rua, tínhamos diante de nós um quiosque de revistas e de jornais. Olhei em frente e li, em português, "o evangelho segundo Jesus Cristo". Prossegui o meu caminho mas, de repente, estaquei e pensei que, de facto, não tinha visto aquelas palavras. Regressei, e já não estavam lá.»

## Texto datilografado com anotações manuscritas de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*

1991
444 pp.

## Imagem de um Cristo que José Saramago habitualmente tinha sobre a sua mesa de trabalho e que para José Saramago não representava a divindade, mas antes o trabalho do homem que a talhou

moldura digital / **46 documentos digitalizados de material preparatório relativo ao romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo***

c. 1991

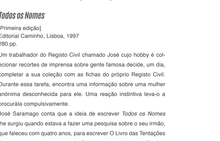
# Ensaio sobre a Cegueira 1995

Blindness, 1995

vídeo / **Ensayo sobre la ceguera**

2' 16"

Produção: Ángel Hernández Marín, News Produções, S.L.
Conteúdos e sequência: Fernando Gómez Aguilera
Documentação: Fundação José Saramago



## *Ensaio sobre a Cegueira*

[Primeira edição]
Editorial Caminho, Lisboa, 1995
312 pp.

O *Ensaio sobre a Cegueira* conta a história de uma cegueira branca, súbita, fulminante, que deixa cegas todas as pessoas de uma cidade contemporânea, exceto uma mulher. Num lugar não identificado e com personagens sem nome, José Saramago inaugura, com este romance, o ciclo alegórico no qual se debruça sobre os grandes problemas contemporâneos: a procura do outro, a identidade, o livre mercado, a condição humana…

Nesta obra, o mundo converte-se num caos, pois a doença que aqui se descreve é uma cegueira da razão. A nossa razão, diz o autor, «não é uma razão capaz de ver, o ser humano é um ser estranhíssimo porque é o único ser sobre a Terra que foi capaz de inventar algo tão estranho ou que deveria ser tão estranho à própria natureza das coisas e dos seres como a crueldade. Nenhum ser no mundo é cruel, não é o é leão, não é o é tigre, não é o é aranha, nenhum animal no mundo é cruel, o único ser cruel é o homem, nenhum animal tortura outro animal, mas o ser humano é capaz, e sabemos até que ponto, de torturar os seus semelhantes».

José Saramago, refletindo sobre o mundo contemporâneo, denuncia o facto de não usarmos racionalmente a razão, mostrando que o ser humano é, na melhor das hipóteses, um projeto de racionalidade, um ser que caminha rumo à conquista da racionalidade, embora estando ainda muito longe de a atingir.

## *Todos os Nomes*

[Primeira edição]
Editorial Caminho, Lisboa, 1997
280 pp.

Um trabalhador do Registo Civil chamado José cujo hobby é colecionar recortes de imprensa sobre gente famosa decide, um dia, completar a sua coleção com as fichas do próprio Registo Civil. Durante essa tarefa, encontra uma informação sobre uma mulher anónima desconhecida para ele. Uma reação instintiva leva-o a procurá-la compulsivamente.

José Saramago conta que a ideia de escrever *Todos os Nomes* lhe surgiu quando estava a fazer uma pesquisa sobre o seu irmão, que faleceu com quatro anos, para escrever O Livro das Tentações (livro que acabou por intitular *As Pequenas Memórias*). No Registo Civil não constava que o irmão tivesse falecido, nem o hospital em que tinha morrido. Dirigiu-se ao cemitério, mas apenas conseguiu confirmar o seu óbito. A este respeito, o autor disse: «este romance não existiria se eu não tivesse tido de andar à procura do que aconteceu ao meu irmão Francisco. Em Todos os Nomes há um arquivo do Registo Civil onde estão, evidentemente, todos os nomes, os dos mortos e os dos vivos, e também há um cemitério onde ainda não estão todos os nomes que lá haverão de estar.

E há alguém que procura alguém, uma vez mais à procura do outro, uma mulher, que nunca será encontrada. E há, também, uma necessidade de encontrar o outro, de o procurar, há um funcionário, também ele humilde, uma espécie de parente, dir-se-ia quase um irmão de Raimundo Silva, da História do Cerco de Lisboa. Os dois são funcionários, trabalham com papéis e sobre papéis, mas descobrem que esses papéis são pessoas, que, se é certo que as pessoas podem ser convertidas em papéis, não é menos certo que é possível deixar de lado os papéis para ir à procura das pessoas».

Em *Todos os Nomes*, um romance sobre a procura do outro, o universo passa a ser o espírito de uma pessoa que sente a necessidade de encontrar outra pessoa, e esse universo define a sua própria procura. Essa mulher que não será encontrada, essa necessidade imperiosa de procurar e de reconhecer, está latente, de uma maneira ou de outra, em todos os seus livros.

## *A Caverna*

[Primeira edição]
Editorial Caminho, Lisboa, 2000
352 pp.

O mundo do oleiro Cipriano Algor é perturbado quando o mega-centro comercial que abastece de peças de cerâmica anuncia que não pretende voltar a requerer os seus serviços. Decidiram usar talheres e baixela de plástico, por ser um material que oferece muitas vantagens práticas e económicas.

Neste romance, enquadrado no ciclo alegórico iniciado em 1995 com o Ensaio sobre a Cegueira, José Saramago exprime a sua preocupação com as restrições que a atual sociedade de consumo e os meios de comunicação de massas exercem sobre o desenvolvimento pessoal do indivíduo. Vale-se da parábola da caverna, contada pelo filósofo Platão, para questionar a nossa perceção da realidade. A verdade que julgamos ver corresponde, segundo o autor, à imagem que interesses ocultos querem fazer-nos passar. Por detrás desta fachada esconde-se uma verdade preocupante.

A propósito desta obra, o autor afirmou: «Desde que o filósofo grego escreveu a sua obra, nunca na história da Humanidade estivemos tão dentro de uma caverna a olhar para sombras como agora. [A minha postura] não tem tanto a ver com que a imagem predomina sobre a palavra, mas com o facto de estarmos a viver plenamente naquilo que se pode chamar a cultura da banalidade, da trivialidade e nenhuma delas deve ser usada para tal. Há uma espécie de deserto no que diz respeito às ideias. [Escrevo] para compreender o mundo, a sociedade, a cultura, o outro.»

## *O Homem Duplicado*

[Primeira edição]
Editorial Caminho, Lisboa, 2002
320 pp.

Romance no qual é abordado o conflito da identidade. O motivo central deste livro, o duplo, é um clássico da literatura, mas José Saramago transporta a fórmula para a atualidade, para uma sociedade pós-industrial na qual o indivíduo se confunde com a produção de massas. Na procura do outro reside o princípio do caminho do autoconhecimento.

O autor refletiu sobre *O Homem Duplicado* nos seguintes termos: «Não há um lugar nem um tempo estabelecidos. Pode ser em qualquer país ou cidade, ou em qualquer época do ano. Mas o que quero colocar, no fundo, é a questão do "outro". Se o "outro" é como eu, e o "outro" tem todo o direito de ser como eu, então pergunto: até que ponto quero que esse "outro" entre e usurpe o meu espaço? Nesta história, o outro tem um significado que nunca teve antes. Atualmente, no mundo entre "eu" e o "outro" há distâncias, e essas distâncias não são possíveis de superar e, por isso, cada vez menos o ser humano pode chegar a um acordo.

As nossas vidas compõem-se de um 95% que é obra dos outros. No fundo, vivemos num caos e não há ordem aparente que os governe. Então, a ideia chave no livro é que o caos é um tipo de ordem por decifrar. Com este livro, propomo-lo ao leitor que investigue a ordem que há no caos.»

Com *O Homem Duplicado*, José Saramago continua a pensar criticamente o tempo contemporâneo através de relatos alegóricos, de grandes metáforas suscetíveis de configurar a moldura de alguns dos nossos conflitos centrais.

Nas obras deste último ciclo, mais reflexivas, procura com a realidade. Entretanto, a escrita vai-se tornando menos barroca, ao mesmo tempo que acentua a dimensão de «parábola», ou seja, o caráter pedagógico do relato.

Áudio / **José Saramago lê fragmentos de *As Intermitências da Morte* e declarações suas numa entrevista na qual fala sobre o romance**

## Texto datilografado de romance *Ensaio sobre a Cegueira*, com correções manuscritas

1995
279 pp.

foto / **José Saramago no primeiro escritório da sua casa de Lanzarote**

c. 1995

## Texto datilografado de romance *A Caverna*, com correções manuscritas de José Saramago e do revisor da editora

2000
315 pp.

foto / **José Saramago com os seus cães Pepe e Camões**

Lanzarote, c. 2000

## Primeiras provas impressas com correções manuscritas de *As Intermitências da Morte*

June 28, 2005
116 pp.

## *Ensaio sobre a Lucidez*

[Primeira edição]
Editorial Caminho, Lisboa, 2004
332 pp.

Durante as eleições municipais de uma cidade sem nome, quase todos os habitantes decidem, individualmente, exercer o seu direito de voto de uma maneira inesperada, entregando um boletim em branco. O governo receia que esse gesto revolucionário abale as alicerces da «democracia». As chacaras do poder são acionadas: os culpados têm de ser eliminados.

Em *Ensaio sobre a Lucidez*, José Saramago denuncia a corrupção que ataca a democracia e a manipulação de que padecem os meios de comunicação, mas põe em relevo, também, a capacidade de reação dos cidadãos para dizerem «não», para escolherem livremente o seu destino.

Este romance é uma crítica frontal ao sistema, aos governos, sem escamotear uma crítica à esquerda. Para o autor, «a democracia apenas funciona no plano institucional», pois vivemos numa «falsa democracia mundial na qual o cidadão anda à deriva». Para José Saramago, trata-se de «um romance fundamentalmente político»:

«Nós, os homens, trazemos dentro de nós a crueldade. Nunca nos podemos esquecer disso, temos de estar vigilantes. Há que defender a possibilidade de criar e de sustentar esse espaço de consciência, de lucidez. Essa é a nossa pequenina esperança», disse uma vez a propósito deste livro.

## *As Intermitências da Morte*

[Primeira edição]
Editorial Caminho, Lisboa, 2005
216 pp.

Num país indeterminado acontece uma coisa nunca vista: a morte decide suspender o seu trabalho e as pessoas deixam de morrer. Desata-se a euforia coletiva, mas depressa dá lugar ao desespero. Se é certo que as pessoas já não morrem, isso não significa que o tempo tenha parado. O destino dos humanos será uma «eterna eterna. Por conseguinte, na fábula proposta pelo Prémio Nobel português, o sistema de vida dos seres humanos, organizado sobre a baia da morte, começa a desajustar-se até se tornar caótico: as companhias de seguros declaram falência, desaparece (e ressuscita) o negócio das funerárias, cada vez se amontoam mais idosos no que ironicamente chama de «lares do fel» e acaba-se a pagar uma multa que leva aquelles que deveriam morrer para o outro lado da fronteira, onde a morte continua a exercer a sua função. Perante esta situação, procurar-se-do maneiras de forçar a morte a matar mesmo contra a sua vontade, corrompendo as consciências e degenerando o poder político.

José Saramago estava a ler Os *Cadernos de Malte Laurida Briggs*, de Rainer Maria Rilke, quando lhe ocorreu a ideia de escrever este romance sobre o tema mais transcendental da vida: a morte. O autor considera este livro «uma fábula ou conto filosófico, sarcástico, irónico, profundamente irónico. Não é que me esteja a rir da morte, evidentemente, mas as consequências desta intermitência são tais, que podem atingir o grotesco, o ridículo total». Noutra ocasião, precisou: «Quando se aborda o tema da morte, há uma tendência para nos tornarmos sérios e tenebrosos. Eu faz o contrário. Pensei: vamos falar da vida de hoje através da morte. Se tenho algum talento, é o de transformar o impossível em algo que parece provável [...]. A vida é bastante absurda na normalidade quotidiana… imagine-se como não será numa situação de morte intermitente.»

Para o autor, «não é que seja melhor morrer que viver; simplesmente, deveríamos ter outro olhar em relação à morte, acetá-la como uma consequência lógica da vida», porque «a ausência da morte é o caos, é o pior que pode acontecer à espécie humana, a uma sociedade». «Procuro demonstrar que a morte é fundamental para o equilíbrio da natureza: viver eternamente nunca poderá ser uma coisa boa, seria estar condenado a uma velhice eterna», declarou.

Trata-se, sem dúvida, do romance no qual mais claramente pôe em jogo o humor, companheiro do seu tradicional e magistral uso da ironia.

# Últimos livros 1997-2009

Latest books 1997-2009

foto / **José Saramago**
Lisboa, 2006
© Kim Manresa

foto / **José Saramago no Palácio Galveias**
Lisboa, 2007
© Agência EFE

foto / **José Saramago**
Lisboa, 2006
© Kim Manresa

### *A Viagem do Elefante*

[Primeira edição]
Caminho-Leya, Lisboa, 2008
260 pp.

Em meados do século XVI o rei D. João III oferece a seu primo, o arquiduque Maximiliano da Áustria, genro do imperador Carlos V, um elefante indiano que há dois anos se encontra em Belém, vindo da Índia.Do facto histórico que foi essa oferta não abundam os testemunhos. Mas há alguns. Com base nesses escassos elementos, e sobretudo com uma poderosa imaginação de ficcionista que já nos deu obras-primas como *Memorial do Convento* ou *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, José Saramago coloca agora nas mãos dos leitores esta obra excepcional que é *A Viagem do Elefante*. Neste livro, escrito em condições de saúde muito precárias não sabemos o que mais admirar - o estilo pessoal do autor exercido ao nível das suas melhores obras; uma combinação de personagens reais e inventadas que nos faz viver simultaneamente na realidade e na ficção; um olhar sobre a humanidade em que a ironia e o sarcasmo, marcas da lucidez implacável do autor, se combinam com a compaixão solidária com que o autor observa as fraquezas humanas. Escrita dez anos após a atribuição do Prémio Nobel, *A Viagem do Elefante* mostra-nos um Saramago em todo o seu esplendor literário.

### Notas de José Saramago para a escrita de *A Viagem do Elefante*

2007
2 pp.

moldura digital / ***A Viagem do Elefante***
Fotografias do espetáculo do Trigo Limpo/Teatro ACERT, apresentado em mais de 14 localidades de Portugal e Espanha, numa digressão iniciada em 2013.
Fotos: Carlos Teles e Ricardo Chaves

### *As Pequenas Memórias*

[Primeira edição]
Caminho-Leya, Lisboa, 2006
238 pp.

*«Deixa-te levar pela criança que foste»*

*As Pequenas Memórias* é um livro de recordações que abrange o período entre os quatro e os quinze anos da vida de José Saramago. O autor tinha *As Pequenas Memórias* na cabeça há mais de 20 anos, por isso a altura para o escrever era esta: "Queria que os leitores soubessem de onde saíu o homem que sou".

### *O Caderno*

[Primeira edição]
Caminho-Leya, Lisboa, 2009
238 pp.

Esta publicação é uma recompilação dos posts diários que o escritor, desde 15 de setembro de 2008 até meados de 2009, foi colocando no seu blogue *O Caderno de Saramago*, incorporado na web pela Fundação José Saramago. Nas entradas, o escritor analisa a atualidade criticamente e expressa opiniões diretas e polémicas, argumentadas a partir da sua perspicaz e incómoda aproximação à realidade.

### *O Caderno 2*

[Primeira edição]
Caminho-Leya, Lisboa, 2010
244 pp.

Textos escritos para o seu blogue *O Caderno de Saramago*, entre março e novembro de 2009. Inclui-se o prefácio de Umberto Eco — «Um blogueiro chamado Saramago» — para a edição italiana de *O Caderno*, onde afirma que o escritor português «a toma com todo o mundo em geral, atirando polémicas e excomuniões de muitos sítios — amiúde não porque diga coisas que não deva dizer, mas porque não perde o tempo a medir os seus termos — e talvez o faça de propósito».

### *Caim*

[Primeira edição]
Caminho-Leya, Lisboa, 2009
184 pp.

Tomando como fio condutor o personagem bíblico Caim, José Saramago, no seu último romance publicado, regressa à questão religiosa, apresentando uma releitura crítica de diversos episódios do Antigo Testamento - Torre de Babel, Sodoma e Gomorra, Dilúvio universal... - para mostrar o lado mais violento, injusto e cruel de Deus, segundo a sua concepção. Apoiando-se no humor, fustiga por igual ao Deus do Antigo Testamento e aos homens, que construíram através de relatos a imagem desse ser supremo, cuja existência, para o escritor, é apenas mental, produto da mente humana. José Saramago parte de que o relato bíblico de Caim é «uma história mal contada», para sublinhar de imediato o propósito que persegue: «No fundo, o problema não é um Deus que não existe, mas sim a religião que o proclama. Denuncio as religiões, todas as religiões, por nocivas para a humanidade». Qualifica a Bíblia como um livro «terrível e sombrio», «um manual de maus costumes, um catálogo de crueldade e do pior da natureza humana».
Afirmou que escrever este livro, que era «uma insurreição, um alerta para que todos se animem a procurar ver o que está do outro lado das coisas», constituiu «um exercício de liberdade » e assinalou, investindo contra as religiões: «Não escrevo contra Deus, uma vez que ele não existe. É contra as religiões. Para que servem as religiões? Não servem para aproximar as pessoas. Nunca serviram para isso.»

### «Provavelmente já chegou o dia em que não terei nada mais a dizer»

Público, Lisboa, 12 de novembro de 2005
4 pp.

Entrevista a José Saramago após a publicação de *As Intermitências da Morte*.

### «Não usamos racionalmente a razão que temos»

*A Capital*, Lisboa, 4 de novembro de 1995
2 pp.

Entrevista a José Saramago publicada no diário *A Capital* aquando da publicação do *Ensaio sobre a Cegueira*.

### Texto datiloografado e anotações para o romance *Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas*

### Cópias de primeiras edições em vários idiomas de *Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas*

[Primeira edição]
Porto Editora, Lisboa, 2013

### Convite para o lançamento do romance inacabado *Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas*

audio / **Joseph Haydn**
Septem Verba Christi in Cruce
Le 7 ultime Parole di Cristo sulla Croce
Textos originais de José Saramago e Raimon Panikkar
Direção: Jordi Savall / Allavoe
2007

audio / **Azio Corghi**
27'
La morte di Lazzaro (1995)
Cantata baseada no *Memorial do Convento*,
*O Evangelho segundo Jesus Cristo* e
in Nomine Dei, de José Saramago
Edições Ricordi , Milan

audio / **José Saramago lê fragmentos de *O Evangelho segundo Jesus Cristo***

audio / **José Saramago fala sobre os Direitos Humanos**

audio / **José Saramago lê fragmentos do romance *Memorial do Convento***

### Rogério Ribeiro

*Bilmunda*, 2005

(personagem do livro *Memorial do Convento*)
80 x 100 cm
Coleção Privada: Pilar del Río





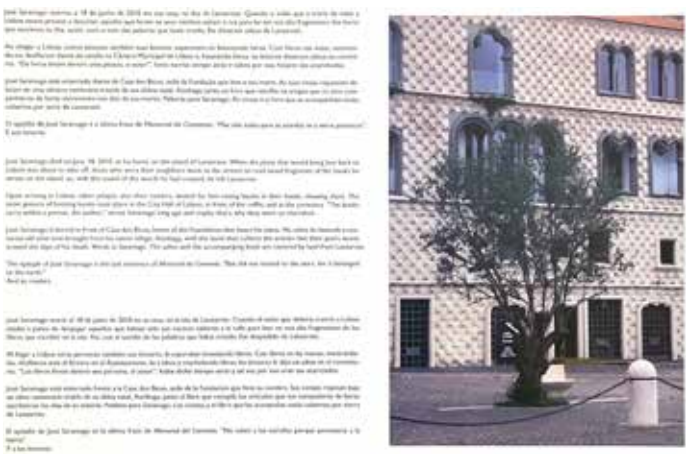
foto / **José Saramago**
21 de junho de 2007
© Helena Gonçalves

# Escritório

Studio

## Escritório de José Saramago

Este espaço reproduz cenograficamente o escritório de José Saramago, através de objetos originais: a sua mesa de trabalho; a máquina de escrever Hermès, que comprou em segunda mão e que utilizou até à redação da História do Cerco de Lisboa, em 1989; os seus óculos; as canetas estenográficas; a sua coleção de cavalos e de pequenos ídolos; o cachimbo dos seus tempos de fumador; a sua primeira biblioteca pessoal; três volumes de Montaigne, em francês, de grande valor estimativo para o autor; livros de consulta habitual de José Saramago (de história, geografia, literatura…) e uma gravura de Júlio Pomar.
Sobre a mesa, junto à máquina de escrever e aos óculos, pode ver-se o dicionário da língua portuguesa habitualmente utilizado por José Saramago e incluído nesta exposição a insistências do autor, sob o lema «Um pequeno país, uma grande língua».



José Saramago morreu a 18 de junho de 2010 em sua casa, na ilha de Lanzarote. Quando o avião que o traria de volta a Lisboa estava prestes a descolar, aqueles que foram os seus vizinhos saíram à rua para ler em voz alta fragmentos dos livros que escreveu na ilha: assim, com o som das palavras que havia criado, the disseram adeus de Lanzarote.

Ao chegar a Lisboa, outras pessoas, também suas leitoras, esperavam-no levantando livros. Com livros nas mãos, mostrando-os, desfilaram diante do caixão na Câmara Municipal de Lisboa e, hasteando livros, os leitores disseram adeus no cemitério. "Os livros levam dentro uma pessoa, o autor", havla escrito tempo atrás e talvez por isso fossem tão acarinhados.

José Saramago está enterrado diante da Casa dos Bicos, sede da Fundação que leva o seu nome. As suas cinzas repousam de- baixo de uma oliveira centenária trazida da sua aldeia natal, Azinhaga, junto ao livro que recolhe os artigos que os seus com- panheiros de letras escreveram nos dias da sua morte: Palavras para Saramago. As cinzas e o livro que as acompanham estão cobertos por terra de Lanzarote.

O epítáfio de José Saramago é a última frase de Memorial do Convento, "Mas não subiu para as estrelas se à terra pertencia".
E aos leitores.

**Ficha Técnica**

Projeto Expositivo

*Fernando Gómez Aguilera / Fundación César Manrique*

Videoprojecção

*Charles Sandison*

Audiovisuais e multimédia

*Carlos Martínez Franco*

Produção vídeos

*Ángel Hernández*

Montagem

*Eurostand*

Agradecimentos

Agência EFE; Ana Baião; Andrade da Rocha; Ángel Hernández Marín, News Produções, S.L.; BM Paula; Caspari de Geus; Editorial Caminho – Leya; Flúor design; Fundação Nobel; Fundación César Manrique; Helena Gonçalves; Isolde Ohlbaum; Javier Salas; João Maia; João Mário Grilo; Kim Manresa; Kepa Herrero Martinez; Lucas; Luís Pastor / Sony BMG; Miguel Gonçalves Mendes / Jumpcut; Mundial Foli-fotografia; Rádio e Televisão de Portugal; Sic Notícias; Valverde.

PISO 3

video / **Palavras para uma cidade** [Lisboa]

José Saramago

6' 00"

Realizador: Miguel Gonçalves Mendes

video / **A Casa** [Lanzarote]

10' 00"

A casa e a biblioteca de José Saramago em Lanzarote

video / **Declaração Universal dos Direitos Humanos**

3' 00"

Leituras de artigos da declaração feitas por visitantes à FJS

video / **Carta para Josefa, minha avó**

José Saramago

5' 00"

por André Raposo & Maria Alice Amaro Góis, 2014

# Palavras para uma cidade

José Saramago

Tempo houve em que Lisboa não tinha esse nome. Chamavam-lhe Olisipo quando os Romanos ali chegaram, Olissibona quando a tomaram os Mouros, que logo deram em dizer Aschbouna, talvez porque não soubessem pronunciar a bárbara palavra. Quando, em 1147, depois de um cerco de três meses, os Mouros foram vencidos, o nome da cidade não mudou logo na hora seguinte: se aquele que iria ser o nosso primeiro rei enviou à família uma carta a anunciar o feito, o mais provável é que tenha escrito ao alto Aschbouna, 24 de Outubro, ou Olissibona, mas nunca Lisboa. Quando começou Lisboa a ser Lisboa de facto e de direito? Pelo menos alguns anos tiveram de passar antes que o novo nome nascesse, tal como para que os conquistadores Galegos começassem a tornar-se Portugueses…Estas miudezas históricas interessam pouco, dir-se-á, mas a mim interessar-me-ia muito, não só saber, mas ver, no exacto sentido da palavra, como veio mudando Lisboa desde aqueles dias. Se o cinema já existisse então, se os velhos cronistas fossem operadores de câmara, se as mil e uma mudanças por que Lisboa passou ao longo dos séculos tivessem sido registadas, poderíamos ver essa Lisboa de oito séculos crescer e mover-se como um ser vivo, como aquelas fores que a televisão nos mostra, abrindo-se em poucos segundos, desde o botão ainda fechado ao esplendor fnal das formas e das cores. Creio que amaria a essa Lisboa por cima de todas as cousas.Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória. Memória que é a de um espaço e de um tempo, memória no interior da qual vivemos, como uma ilha entre dois mares: um que dizemos passado, outro que dizemos futuro. Podemos navegar no mar do passado próximo graças à memória pessoal que conservou a lembrança das suas rotas, mas para navegar no mar do passado remoto teremos de usar as memórias que o tempo acumulou, as memórias de um espaço continuamente transformado, tão fugidio como o próprio tempo. Esse flme de Lisboa, comprimindo o tempo e expandindo o espaço, seria a memória perfeita da cidade.O que sabemos dos lugares é coincidirmos com eles durante um certo tempo no espaço que são. O lugar estava ali, a pessoa apareceu, depois a pessoa partiu, o lugar continuou, o lugar tinha feito a pessoa, a pessoa havia transformado o lugar. Quando tive de recriar o espaço e o tempo de Lisboa onde Ricardo Reis viveria o seu último ano, sabia de antemão que não seriam coincidentes as duas noções do tempo e do lugar: a do adolescente tímido que fui, fechado na sua condição social, e a do poeta lúcido e genial que frequentava as mais altas regiões do espírito. A minha Lisboa foi sempre a dos bairros pobres, e quando, muito mais tarde, as circunstâncias me levaram a viver noutros ambientes, a memória que preferi guardar foi a da Lisboa dos meus primeiros anos, a Lisboa da gente de pouco ter e de muito sentir, ainda rural nos costumes e na compreensão do mundo.Talvez não seja possível falar de uma cidade sem citar umas quantas datas notáveis da sua existência histórica. Aqui, falando de Lisboa, foi mencionada uma só, a do seu começo português: não será particularmente grave o pecado de glorifcação… Sê-lo-ia, sim, ceder àquela espécie de exaltação patriótica que, à falta de inimigos reais sobre que fazer cair o seu suposto poder, procura os estímulos fáceis da evocação retórica. As retóricas comemorativas, não sendo forçosamente um mal, comportam no entanto um sentimento de auto-complacência que leva a confundir as palavras com os actos, quando as não coloca no lugar que só a eles competiria.Naquele dia de Outubro, o então ainda mal iniciado Portugal deu um largo passo em frente, e tão frme foi ele que não voltou Lisboa a ser perdida. Mas não nos permitamos a napoleónica vaidade de exclamar: "Do alto daquele castelo oitocentos anos nos contemplam" – e aplaudir-nos depois uns aos outros por termos durado tanto… Pensemos antes que do sangue derramado por um e outro lados está feito o sangue que levamos nas veias, nós, os herdeiros desta cidade, flhos de cristãos e de mouros, de pretos e de judeus, de índios e de amarelos, enfm, de todas as raças e credos que se dizem bons, de todos os credos e raças a que chamam maus. Deixemos na irónica paz dos túmulos aquelas mentes transviadas que, num passado não distante, inventaram para os Portugueses um "dia da raça", e reivindiquemos a magnífca mestiçagem, não apenas de sangues, mas sobretudo de culturas, que fundou Portugal e o fez durar até hoje.Lisboa tem-se transformado nos últimos anos, foi capaz de acordar na consciência dos seus cidadãos o renovo de forças que a arrancou do marasmo em que caíra. Em nome da modernização levantam-se muros de betão sobre as pedras antigas, transtornam-se os perfs das colinas, alteram-se os panoramas, modifcam-se os ângulos de visão. Mas o espírito de Lisboa sobrevive, e é o espírito que faz eternas as cidades. Arrebatado por aquele louco amor e aquele divino entusiasmo que moram nos poetas, Camões escreveu um dia, falando de Lisboa: "…cidade que facilmente das outras é princesa". Perdoemos-lhe o exagero. Basta que Lisboa seja simplesmente o que deve ser: culta, moderna, limpa, organizada – sem perder nada da sua alma. E se todas estas bondades acabarem por fazer dela uma rainha, pois que o seja. Na república que nós somos serão sempre bem-vindas rainhas assim.

***Folhas Políticas 1976-1998,*** Caminho, 1999, pp 178 – 182

***O Caderno,*** Caminho, 2009, pp 19 – 23

Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

# CARTA PARA JOSEFA, MINHA AVÓ

Tens noventa anos. És velha, dolorida. Dizes-me que foste a mais bela rapariga do teu tempo - e eu acredito. Não sabes ler. Tens as mãos grossas e deformadas, os pésencortiçados. Carregaste à cabeça toneladas de restolho e lenha, albufeiras de água. Viste nascer o sol todos os dias. De todo o pão que amassaste se faria um banquete universal. Criaste pessoas e gado, meteste os bácoros na tua própria cama quando o frio ameaçava gelá-los. Contaste-me histórias de aparições e lobisomens, velhas questões de família, um crime de morte. Trave da tua casa, lume da tua lareira - sete vezes engravidaste, sete vezes deste à luz.

Não sabes nada do mundo. Não entendes de política, nem de economia, nem de literatura, nem de flosofa, nem de religião. Herdaste umas centenas de palavras práticas, um vocabulário elementar. Com isto viveste e vais vivendo. És sensível às catástrofes e também aos casos de rua, aos casamentos de princesas e ao roubo dos coelhos da vizinha. Tens grandes ódios por motivos de que já perdeste lembrança, grandes dedicações que assentam em coisa nenhuma. Vives. Para ti, a palavra Vietname é apenas um som bárbaro que não condiz com o teu círculo de légua e meia de raio. Da fome sabes alguma coisa: já viste uma bandeira negra içada na torre da igreja. (Contaste-mo tu, ou terei sonhado que o contavas?) Transportas contigo o teu pequeno casulo de interesses. E, no entanto, tens os olhos claros e és alegre. O teu riso é como um foguete de cores. Como tu, não vi rir ninguém.

Estou diante de ti, e não entendo. Sou da tua carne e do teu sangue, mas não entendo. Vieste a este mundo e não curaste de saber o que é o mundo. Chegas ao fm da vida, e o mundo ainda é, para ti, o que era quando nasceste: uma interrogação, um mistério inacessível, uma coisa que não faz parte da tua herança: quinhentas palavras, um quintal a que em cinco minutos se dá a volta, uma casa de telha-vã e chão de barro. Aperto a tua mão calosa, passo a minha mão pela tua face enrugada e pelos teus cabelos brancos, partidos pelo peso dos carregos - e continuo a não entender. Foste bela, dizes, e bem vejo que és inteligente. Por que foi então que te roubaram o mundo? Quem to roubou? Mas disto talvez entenda eu, e dir-te-ia o como, o porquê e o quando se soubesse escolher das minhas inumeráveis palavras as que tu pudesses compreender. Já não vale a pena. O mundo continuará sem ti - e sem mim. Não teremos dito um ao outro o que mais importava.

Não teremos, realmente? Eu não te terei dado, porque as minhas palavras não são as tuas, o mundo que te era devido. Fico com esta culpa de que me não acusas - e isso ainda é pior. Mas porquê, avó, por que te sentas tu na soleira da tua porta, aberta para a noite estrelada e imensa, para o céu de que nada sabes e por onde nunca viajarás, para o silêncio dos campos e das árvores assombradas, e dizes, com a tranquila serenidade dos teus noventa anos e o fogo da tua adolescência nunca perdida: «O mundo é tão bonito, e eu tenho tanta pena de morrer!»

É isto que eu não entendo - mas a culpa não é tua.

***Deste Mundo e do Outro,*** Leya / Caminho. 2010. pp. 27 - 28